

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
ESCOLA DE VETERINÁRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA ANIMAL

**ANÁLISE DE CONTEÚDO DO DISCURSO DE CRIADORES DO  
CAVALO CURRALEIRO NO ESTADO DE GOIÁS**

Danilo Conrado Silva

Orientador: José Robson Bezerra Sereno

GOIÂNIA

2014

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS (TEDE) NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

**1. Identificação do material bibliográfico:**       **Dissertação**       **Tese**

**2. Identificação da Tese ou Dissertação**

Autor (a):	Danilo Conrado Silva		
E-mail:	dnl.conrado@gmail.com		
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página?	<input checked="" type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não	
Vínculo empregatício do autor	Nenhum		
Agência de fomento:	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior	Sigla:	CAPES
País:	Brasil	UF:	DF      CNPJ:
			00889834
Título:	Análise de conteúdo do discurso de criadores do Cavalo Curraleiro no Estado de Goiás		
Palavras-chave:	Conservação de recursos genéticos, equinos, Cavalo Curraleiro		
Título em outra língua:	Speech content analysis of the Curraleiro Horse breeders in the State of Goiás		
Palavras-chave em outra língua:	Genetic resource conservation, equine, Curraleiro Horse		
Área de concentração:	Produção Animal		
Data defesa: (07/03/2014)			
Programa de Pós-Graduação:	Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal		
Orientador (a):	Prof. Dr. José Robson Bezerra Sereno		
E-mail:	<a href="mailto:sereno@cpac.embrapa.br">sereno@cpac.embrapa.br</a>		
Co-orientador (a):*	Prof. Dr. Aparecido Divino da Cruz Profª. Drª. Maria Clorinda Soares Fioravanti		
E-mail:	<a href="mailto:acruz@pucgoias.edu.br">acruz@pucgoias.edu.br</a>		

\*Necessita do CPF quando não constar no SisPG

**3. Informações de acesso ao documento:**

Concorda com a liberação total do documento  SIM       NÃO<sup>1</sup>

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF ou DOC da tese ou dissertação.

O sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua disponibilização, receberão procedimentos de segurança, criptografia (para não permitir cópia e extração de conteúdo, permitindo apenas impressão fraca) usando o padrão do Acrobat.

  
Assinatura do (a) autor (a)

Data: 15 / 08 / 2014

<sup>1</sup> Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

**DANILO CONRADO SILVA**

**ANÁLISE DE CONTEÚDO DO DISCURSO DE CRIADORES DO  
CAVALO CURRALEIRO NO ESTADO DE GOIÁS**

Dissertação apresentada para  
obtenção do grau de Mestre em  
Ciência Animal junto à escola de  
Veterinária e Zootecnia da  
Universidade Federal de Goiás

**Área de Concentração:**

Produção Animal

**Linha de Pesquisa:**

Fatores genéticos e ambientais que  
influenciam o desempenho dos animais

**Orientador:**

Prof. Dr. José Robson Bezerra Sereno - EMBRAPA Cerrados

**Comitê de Orientação:**

Prof. Dr. Aparecido Divino da Cruz - PUC-GO  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Clorinda Soares Fioravanti - UFG

GOIÂNIA

2014

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação na (CIP)  
GPT/BC/UFG**

S586a Silva, Danilo Conrado.  
Análise de conteúdo do discurso de criadores do Cavalo Curraleiro no Estado de Goiás [manuscrito] / Danilo Conrado Silva. - 2014.  
63 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. José Robson Bezerra Sereno;  
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Escola de Veterinária e Zootecnia, 2014.

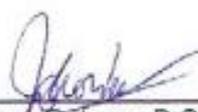
Bibliografia.  
Inclui lista de figuras, abreviaturas, siglas e tabelas.

Apêndices.  
1. Cavalo curraleiro – Criação – Goiás (Estado) 2. Cavalo curraleiro – Preservação 3. Cavalo curraleiro – Alimentação e ração 4. Equinos – Criação I. Título.

CDU: 636.1(817.3)

**DANILO CONRADO SILVA**

Dissertação defendida e aprovada em **07/03/2014**, pela Banca Examinadora constituída pelos professores:



---

Prof. Dr. Jose Robson B. Sereno  
(ORIENTADOR (A))



---

Dr. Francisco Eduardo de Castro Rocha – Embrapa Cerrados



---

Prof. Dr. Cely Marini Melo e Oña DPA/EVZ/UFG

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a força maior, Deus, por estar sempre presente em minha vida, me fazendo evoluir e abrindo as portas nos caminhos que escolhi.

Aos meus pais, Delcio Pedro da Silva Júnior e Marcia Maria Conrado Silva, por acreditarem em minha carreira, me mostrarem os melhores caminhos e serem a base de sustentação que tornaram possíveis todas as minhas conquistas até este momento da minha vida. Ao meu irmão Diogo Conrado Silva pelo companheirismo e exemplo profissional.

A minha querida Dra. Lysa Bernardes Minasi. Se ao lado de um grande homem deve existir uma grande mulher, estou pronto para ser este homem. Obrigado pelo carinho, paciência, ensinamentos e companheirismo.

Aos meus orientadores, Professor Dr. José Robson Bezerra Sereno por estar sempre disposto a me ouvir, me ensinar e acreditar em mim; Professora Dra. Maria Clorinda Soares Fioravanti por todo o apoio durante a realização deste projeto e pelo exemplo de dedicação profissional; Professor Dr. Aparecido Divino da Cruz por ser o responsável pelo início, meio e presente da minha trajetória profissional, por ser o professor ao qual me espelho diariamente.

Obrigado tio Peixoto por permitir que eu fizesse parte dos seus ensinamentos diários que vão muito além da orientação acadêmica, mas que também não deixam de serem ensinamentos profissionais, pois aprendi com você que um professor de verdade também é responsável por educar seus alunos nos verdadeiros valores da vida, a ética e o caráter.

Agradeço ao meu amigo, Professor Alex Silva da Cruz, MSc., pela imensurável colaboração na minha formação dentro das ciências animais, e acima de tudo pela amizade e exemplo de caráter que és para mim. Ao meu amigo Raphael Silva da Cruz pelos momentos de alegria e aprendizado que vivemos.

Faço aqui um agradecimento especial a um grande amigo que fiz durante esta trajetória do Mestrado, meu amigo Marcelo Corrêa da Silva, MSc., obrigado por seus ensinamentos, a minha formação técnica e pessoal como um Mestre estaria incompleta se não fosse a tua presença. Obrigado pela disponibilidade e por ter vivenciado comigo momentos únicos no sertão de Goiás.

Agradeço aos meus amigos do Núcleo de Pesquisas Replicon da Pontifícia Universidade Católica de Goiás por cada gesto de contribuição na minha formação durante os últimos seis anos. A todos que contribuíram de forma direta ou indireta para a realização deste estudo e para a minha formação profissional.

Aos profissionais da Escola de Veterinária e Zootecnia da Universidade Federal de Goiás, em especial à Dra. Maria Ivete de Moura, pelo apoio em tudo que precisei para a realização deste projeto.

**SUMÁRIO**

1 INTRODUÇÃO.....	1
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	3
2.1 A chegada do cavalo nas Américas e no Brasil.....	3
2.2 A dispersão dos equinos pelo território nacional .....	6
2.3 As raças equinas brasileiras .....	9
2.3.1 O cavalo Comum .....	11
2.3.1.1 O cavalo Curraleiro .....	12
2.4 Conservação de recursos genéticos equinos no Brasil .....	14
2.5 Análise do conteúdo.....	16
3 OBJETIVOS .....	18
3.1 Objetivo geral .....	18
3.2 Objetivos específicos .....	18
4 MATERIAL E MÉTODOS.....	19
4.1 Delineamento das entrevistas .....	19
4.2 Análise dos dados .....	20
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	22
5.1 Perfil dos participantes nas entrevistas .....	22
5.2 Categorias e subcategorias.....	24
5.2.1 Operacionalização do processo de categorização .....	24
5.2.1.1 Categoria 1 .....	24
5.2.1.2 Categoria 2.....	26
5.2.1.3 Categoria 3.....	30
5.2.1.4 Categoria 4.....	33
5.2.1.5 Categoria 5.....	35
5.3 Quantificação e discussão das categorias e subcategorias .....	37
5.3.1 Categoria 1 .....	37
5.3.1 Categoria 2.....	41
5.3.3 Categoria 3.....	46
5.3.4 Categoria 4.....	50
5.3.5 Categoria 5.....	52
6 CONCLUSÃO .....	55
7 REFERÊNCIAS.....	56

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Mapa do Estado de Goiás destacando os quatro municípios de realização das entrevistas que compuseram o grupo amostral do estudo sobre a identificação e caracterização de equinos locais no Estado de Goiás .....20

Figura 2 Representação gráfica da distribuição dos entrevistados participantes do estudo acerca da identificação e caracterização de equinos locais no Estado de Goiás, segundo as categorias de conhecimento acerca do objeto de estudo por município.....22

Figura 3 Gráfico representativo das percentagens de cada classe de entrevistados em relação à composição do *corpus*.....24

Figura 4 Características do cavalo Curraleiro descritas pelos entrevistados: A e B - cavalos morfologicamente semelhantes aos descritos nas entrevistas, principalmente pelo porte pequeno a médio, “anca de porco” bem caracterizada principalmente no cavalo A, “cascos de burro” característicos principalmente no cavalo B; C - Cavalo pequeno, cascos pequenos, e, segundo seu criador, ideal para o trabalho diário devido sua resistência; D - Animal em ambiente de muitas pedras. Situação comumente observada nas microrregiões da Chapada dos Veadeiros e do Vão do Paranã no Estado de Goiás.....46

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Sumarização da categoria 1 sobre identificação e localização dos equinos Curraleiros e suas respectivas subcategorias .....	25
Quadro 2 Sumarização da categoria 2 sobre a caracterização dos equinos Curraleiros e suas respectivas subcategorias .....	27
Quadro 3 Sumarização da categoria 3 sobre os aspectos históricos dos equinos Curraleiros e suas respectivas subcategorias .....	31
Quadro 4 Sumarização da categoria 4 sobre as perspectivas de conservação dos equinos Curraleiro e suas respectivas subcategorias .....	33
Quadro 5 Sumarização da categoria 5 sobre os aspectos sanitários e produtivos dos equinos Curraleiro e suas respectivas subcategorias .....	36

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Frequências absolutas e relativas das subcategorias correspondentes à Categoria 1, que se refere a identificação e localização dos equinos Curraleiros no Estado de Goiás.....	38
Tabela 2 Frequências absolutas e relativas das subcategorias correspondentes à Categoria 2, que se refere a caracterização dos equinos Curraleiros no Estado de Goiás.....	42
Tabela 3 Frequências absolutas e relativas das subcategorias correspondentes à Categoria 3, que se refere aos aspectos históricos dos equinos Curraleiros no Estado de Goiás.....	47
Tabela 4 Frequências absolutas e relativas das subcategorias correspondentes à Categoria 4, que se refere as perspectivas de conservação dos equinos Curraleiros no Estado de Goiás .....	51
Tabela 5 Frequências absolutas e relativas das subcategorias correspondentes à Categoria 5, que se refere aos aspectos sanitários e produtivos dos equinos Curraleiros no Estado de Goiás .....	52

**LISTA DE ABREVIATURAS**

AIE	Anemia Infecciosa Equina
CRG	Conservação de Recursos Genéticos
DNA	Ácido Desoxirribonucleico
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
FAO	Organização das Nações Unidas Para a Agricultura e Alimentação
PBCRGA	Programa Brasileiro de Conservação de Recursos Genéticos Animais
UCE	Unidade de Contexto Elementar

## RESUMO

O presente estudo objetivou identificar e caracterizar o cavalo Curraleiro, gerando assim conhecimentos iniciais necessários à elaboração de programas de conservação e multiplicação destes animais no Estado de Goiás (GO). Foram realizadas 20 entrevistas, as quais posteriormente foram transcritas e analisadas por meio de um conjunto de metodologias quantitativas e qualitativas, conforme o modelo clássico de análise de conteúdo (BARDIN, 2004). Como resultado desta análise, 5 categorias de respostas emergiram: 1) Identificação e localização dos equinos (21,9%); 2) Caracterização dos equinos (44,2%); 3) Aspectos históricos (23,5%); 4) Perspectivas de conservação (5,8%); 5) Aspectos sanitários e produtivos (4,6%). Na categoria 1 destacaram-se a denominação Curraleiro (20,2%), a constituição de um grupo equino diferenciado (12,8%), e a dificuldade de se encontrar esses animais nos dias atuais (14,7%). Considerando as frequências relativas à categoria 2, as características mais importantes para se caracterizar o cavalo Curraleiro são o porte que vai de pequeno a médio (20,9%), a resistência (10,9%) e os cascos característicos denominados “cascos de burro”. Na categoria que se refere aos aspectos históricos do cavalo Curraleiro, evidenciou-se a grande quantidade destes cavalos no passado (10,3%) e a diminuição do efetivo ao longo dos anos (13,7%), além das principais causas deste processo de extinção, que são: a substituição dos cavalos locais por raças oficiais (30,8%), e a substituição tecnológica (15,4%), principalmente por automóveis. Com relação às discussões sobre as perspectivas de conservação, fica claro que as pessoas que conhecem o cavalo Curraleiro lhe conferem um valor por sua importância no dia-a-dia de trabalho no campo, e se mostraram entusiasmadas com a possibilidade de conservar este recurso genético (31,0%). Os entrevistados inclusive indicaram locais e possíveis maneiras de se implementar projetos de conservação (31,0%). Na categoria 5 os temas mais frequentes foram a utilização de pastagens nativas na alimentação dos cavalos (34,8%) e a possível resistência à Anemia Infecciosa Equina (30,4%). Concluiu-se que o cavalo local encontrado no Estado de Goiás foi denominado Curraleiro, na maioria das entrevistas. Apesar de escassos, ainda é possível localizar alguns indivíduos, agrupá-los segundo características comuns e específicas, e diferenciá-los das raças equinas reconhecidas no Brasil. A metodologia de análise de conteúdo do discurso se mostrou eficaz como um método auxiliar nas etapas de identificação e caracterização de um potencial recurso genético animal.

**Palavras-chave:** Conservação de recursos genéticos, equinos, cavalo Curraleiro.

## ABSTRACT

The aim of this study was to identify and characterize the Curraleiro horse, generating initial knowledge for the development of conservation programs and multiplication of these animals. Twenty interviews were conducted which were subsequently transcribed and analyzed using a set of quantitative and qualitative methods, according to the classic model of content analysis (Bardin, 2004). As a result of this analysis, five categories of responses emerged: 1) Identification and location of horses (21.9%), 2) characterization of horses (44.2%), 3) Historical aspects (23.5%), 4) conservation perspective (5.8%); 5) sanitary and productive aspects (4.6%). In category 1, stood out the name Curraleiro (20.2%), the establishment of a differentiated equine group (12.8%), and difficulty in finding these animals nowadays (14.7%). Whereas the frequencies of the category 2, the most important features for characterizing the Curraleiro horse are the size ranging from small to medium (20.9%), resistance (10.9%) and the small hoof (called ass' hoof). In the category referred to historical Curraleiro horse aspects, revealed a large quantity of these horses in the past (10.3%) and the reduction of the effective over the years (13.7%), besides the main causes of this process extinction, which is the replacement of local breeds horses for officers (30.8%), and technological substitution (15.4%), mainly automobiles. With regard to discussions on the prospects for conservation, it was revealed that people who know the Curraleiro horse gave it a value for its importance in day-by-day work in the field, and were enthusiastic about the opportunity to retain this genetic resource (31.0%). Respondents also indicated locations and possible ways to implement conservation projects (31.0%). In category 5 the most frequent themes were the use of native pastures in the feeding of horses (34.8%) and possible resistance to Equine Infectious Anemia (30.4%). It was concluded that the local horse found in the State of Goiás was called Curraleiro in most interviews. Although scarce, it is possible find some individuals, group them according to common and specific characteristics, and differentiate them from equine breeds recognized in Brazil. The methodology of content analysis of the speech was effective to assist in the steps of identification and characterization of a potential animal genetic resource.

**Keywords:** Genetic resources conservation, equine, Curraleiro horse.

## 1 INTRODUÇÃO

O processo de formação das raças dos animais domésticos, segundo CASTAÑEDA (1994), ocorre como resultado da adaptação dos animais ao meio e, da mesma forma, das especializações de suas funções que ocorrem como resultado do processo de domesticação dos animais pelo homem.

Os recursos genéticos animais existem na forma de várias raças, linhagens e ecótipos que possuem composição genética própria e adaptação a nichos ecológicos específicos. No entanto, nos últimos cinquenta anos, os recursos agro-biológicos vêm sofrendo declínio e erosão em sua diversidade em magnitudes sem precedentes na história (SANTOS et al., 2003).

A introdução dos equinos no Brasil em diferentes épocas e com distintas origens marcou o início das formações das diferentes raças brasileiras. Há alguns anos, principalmente a partir das décadas de 1980 e 1990, o conhecimento a cerca da constituição e importâncias das raças equinas brasileiras vêm aumentando. Conseqüentemente, projetos que visam à conservação das raças naturalmente selecionadas e estabelecidas no território nacional têm sido propostos e desenvolvidos. No Brasil, as estratégias de conservação vêm sendo realizadas no habitat onde os animais se desenvolveram e foram selecionados naturalmente (*in situ*), e mediante armazenamento de sêmen, embriões e amostras de DNA em bancos de germoplasma (*ex situ*). Dentre as etapas envolvidas nesse processo destacam-se a identificação das populações em risco de extinção ou diluição genética, caracterização genética e fenotípica dos protótipos e avaliação do potencial produtivo da população (BRAGA, 2000; EGITO et al., 2002; MARIANTE et al., 2009).

Por outro lado, para algumas populações específicas as iniciativas de identificação e caracterização racial ainda são pequenas ou quase nulas. Uma raça é classificada como em risco de extinção quando o número total de reprodutoras é menor ou igual a 1.000, ou quando o número total de reprodutores é menor ou igual a 20, ou quando o tamanho da população em geral é superior a 1.000 e inferior ou igual a 1.200 e está diminuindo, e a porcentagem de fêmeas que estão sendo acasaladas com machos de sua mesma raça é inferior a 80 %.

Em uma comparação entre espécies, os equinos (23%), seguidos pelos coelhos (20%), suínos (18%) e bovinos (16%), são as espécies de mamíferos com mais altas proporções de raças em situação de risco (FAO, 2010).

Neste contexto, faz-se necessário desenhar e propor estudos que envolvam recursos genéticos animais com fins de caracterização e conservação racial das espécies de interesse. No Brasil, apesar de evidências na literatura da existência de um equino local adaptado às condições ambientais e produtivas do Estado de Goiás e de alguns Estados vizinhos, denominado de cavalo Curraleiro, até o momento não havia pesquisas que objetivassem identificar e conhecer melhor os recursos genéticos deste animal no Cerrado brasileiro. Desta forma, a presente dissertação proporciona subsídios para o início de projetos de conservação e multiplicação destes equinos em seu habitat, visando atender as necessidades socioeconômicas dos criadores locais.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 A chegada do cavalo nas Américas e no Brasil

O ancestral do cavalo atual surgiu no continente americano. O gênero *Equus* evoluiu na América do Norte e, durante as primeiras grandes glaciações do Plioceno que ocorreram entre dois e três milhões de anos atrás, algumas espécies migraram para a Eurásia. Há cerca de 10.000 anos, as espécies do gênero *Equus* foram extintas das Américas por causas ainda não totalmente compreendidas. Porém, a extinção do gênero provavelmente aconteceu devido à sua caça excessiva pelos humanos, e sua tentativa de sobreviver às adversidades ambientais em consequência das mudanças climáticas da época (LUÍS et al., 2006).

Segundo GOULART (1964), o cavalo não só era inexistente, como desconhecido em todo continente americano até o último decênio do século XV, até que Cristovão Colombo, em 1493, o introduziu na parte central deste continente. Durante doze ou treze anos, Cristovão Colombo e o Governador das Índias Ocidentais, as Antilhas, importaram éguas e garanhões da Espanha, estabelecendo numerosas manadas na Ilha Espanhola, atual São Domingos ou Haiti, que se transformou em centro de produção para atender as necessidades da nova colônia espanhola.

Durante as expedições espanholas por todo o continente americano o cavalo foi utilizado como meio de locomoção e, em muitas vezes, esses animais foram abandonados por onde passavam. Essa situação levou os equinos a se multiplicarem rapidamente e muitos retornaram ao estado selvagem, como foi o caso do Mustang, na América do Norte, e do Crioulo, na Argentina (BRAGA, 2000).

Os primeiros exemplares equinos chegaram ao México em 1539, ao Peru e à Colômbia em 1532, à Argentina em 1534 e ao Chile e a Venezuela em 1535. No ano de 1541 os primeiros cavalos chegaram ao Paraguai após atravessarem os territórios brasileiros do Paraná e de Santa Catarina. Os equinos Uruguaios originaram-se do Paraguai e da Argentina (GOULART, 1964).

De acordo com HERMSDORFF (1956), na Argentina, especificamente, a primeira tentativa de fundação da cidade de Buenos Aires ocorreu no ano de 1534, quando a expedição de Pedro de Mendoza levou quase uma centena de equinos para o país. Porém, em 1541, os exploradores abandonaram precipitadamente a região e deixaram em seus campos cerca de meia centena de cavalos, os quais rapidamente se multiplicaram à lei da natureza, formando as grandes manadas de equinos selvagens dos pampas. Ainda em 1541, o expedicionário “Cabeça de Vaca” saiu da Argentina com destino ao Paraguai conduzido por cavalos. Nesta jornada, acredita-se que a expedição tenha passado pelos Estados de Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso, e que tenha deixado alguns animais nestas regiões. Tais exemplares foram provavelmente os primeiros cavalos a compor as manadas da região sul do Brasil. Para LIMA et al (2006), o início da tropa no sul do Brasil teve contribuições dos cavalos trazidos por Mendoza para a Argentina, bem como recebeu a contribuição de animais deixados durante a expedição ao Paraguai.

Para HERMSDORFF (1956), no México, na América Central e na América do Sul, com exceção do centro e do norte do Brasil, os primeiros cavalos introduzidos eram exclusivamente de origem espanhola.

A entrada do cavalo no Brasil ocorreu, segundo MONTEIRO (1986) citado por BRAGA (2000), basicamente por três vias distintas: a primeira pelo norte da Argentina, onde os animais percorreram um longo percurso desde a América Central, passando pelo Peru e atravessando os Andes. A segunda teria sido diretamente da Argentina e do Paraguai, por intermédio das missões jesuíticas. E a terceira, seria a dos animais oriundos da Península Ibérica pela importação de cavalos da Andaluzia, principalmente equinos das raças Árabe, Andaluza e Bérbere.

No ano de 1531, Martim Afonso de Souza desembarcou no Brasil com a finalidade de criar uma política de colonização portuguesa diferente do extrativismo que vinha sendo feito até aquele momento. Durante os séculos XVI e XVII, apesar da cana-de-açúcar ter sido a principal cultura de importância econômica, houve também, em menor intensidade, certo dinamismo na criação de bovinos, equinos e outras culturas de sobrevivência. Apesar das divergências sobre a chegada dos primeiros equinos em solo brasileiro, a maioria dos

historiadores acredita que estes vieram no ano de 1534 juntamente com outros animais domésticos provenientes da Ilha da Madeira e Canárias, sendo levados principalmente para as capitanias de Pernambuco, Bahia e São Vicente (BRAGA, 2000). No ano seguinte, em 1535, Duarte Coelho, donatário da Capitânia de Pernambuco, iniciou a criação de animais domésticos no nordeste brasileiro incluindo, provavelmente, alguns cavalos (LIMA et al., 2006).

Oficialmente, a chegada dos equinos no Brasil data do ano de 1549, quando Tomé de Souza chegou ao Brasil na condição de Governador Geral. Registros históricos indicam que o Governador Geral mandou buscar no ano de 1550, da Ilha de Cabo Verde para a Bahia, alguns cavalos da raça Alter Real, oriunda do Árabe e do Barbo ou Bérbere. Daí por diante, outras expedições trariam mais equinos, não apenas daquelas ilhas, mas também diretamente da Península Ibérica (GOULART, 1964).

Os cavalos procedentes da Península Ibérica constituíram as bases da população equina nacional e as raças daquela região Europeia apresentavam alto valor genético. Em Portugal, ao tempo da descoberta do Brasil, a raça predominante era a Alter, uma variedade da Andaluza (GOULART, 1964).

Segundo NEVES (1918), com os bovídeos, foram introduzidos no Brasil os equinos Gallegos ou Gallisianos, os Céltico-Lusitanos e os Andaluzes. O cavalo do tipo Gallisiano acompanhou os primeiros colonos brasileiros. O Céltico-Lusitano, tipo comum em Portugal, introduziu-se em escala maior do que o Gallisiano. Já os Andaluzes, animais originados dos cavalos de guerra que os Sarracenos trouxeram quando invadiram a Península Ibérica, teriam sido os melhores animais que os fidalgos trouxeram para o Brasil.

Para HERMSDORFF (1956), após as primeiras importações de equinos para o Brasil, à medida que se intensificava o tráfego entre o nosso país e Portugal, e após o importante ato de abertura dos nossos portos ao comércio internacional em 1908, numerosas outras levas de equinos foram trazidas para o Brasil. Porém, em sua grande maioria, predominaram sempre os animais vindos de Portugal, Espanha, Norte da África e de Cabo Verde. Portanto, representantes puros ou mestiços das raças Árabe e Barbo, constituíram a base dos equinos brasileiros.

Contudo, BRAGA (2000) descreveu não restar dúvidas de que as raças Andaluza, Árabe e Puro-Sangue Inglês existiam em menor quantidade em Portugal e Espanha, sendo que provavelmente eram mais caros e criados em condições especiais. A raça Bérbere, Garrano e Sorraia existiam em maior quantidade na Península Ibérica, e assim deveriam ser mais baratas e rústicas, o que justificaria levá-las em viagens perigosas. Adicionalmente, os serviços a que estes animais se destinavam no novo continente exigiam animais de maior rusticidade.

## **2.2 A dispersão dos equinos pelo território nacional**

Com o ingresso do cavalo no Brasil nas Capitanias da Baía, Pernambuco e São Vicente durante o século XVI, decorrente da necessidade de equinos para realizar o manejo do gado, os primeiros currais foram estabelecidos na faixa litorânea com grande proximidade às lavouras de cana-de-açúcar, principalmente na Baía e Pernambuco. Logo surgiram os primeiros conflitos entre os criadores e os agricultores que viam suas lavouras invadidas e destruídas por animais. Para regulamentar essa disputa, a Coroa proibiu, mediante a Carta Régia de 1701, a criação de animais a menos de 10 léguas das áreas agricultadas. Assim, a pecuária tornou-se uma atividade itinerante, de acordo com o regime de águas e a distribuição dos mercados (LIMA et al., 2006).

GOULART (1964) fez referência a três núcleos de maior importância a partir dos quais ocorreu a expansão dos equinos pelo território brasileiro, sendo eles: Bahia, Pernambuco e São Paulo. Os dois primeiros no sentido norte, nordeste e centro-oeste, e o último na direção sul. No extremo sul e no extremo oeste, o cavalo procedeu de áreas vizinhas, sob domínio espanhol, muito embora para o oeste também tenha havido afluxo de animais de São Paulo, quando da descoberta das primeiras jazidas auríferas.

Tendo em vista as necessidades dos núcleos mineradores no interior do Brasil, a ideia de interiorização do bovino e, conseqüentemente, do cavalo foi reforçada, havendo assim a expansão das criações nas direções do norte, nordeste e centro-oeste. Na Bahia, a criação se espalhou para o norte e noroeste

em direção ao Rio São Francisco. De Pernambuco, o movimento também seguiu uma direção norte e noroeste, no sentido dos atuais estados da Paraíba e do Rio Grande do Norte. No Maranhão, na região ao longo do Rio Itapicuru, despontou um núcleo secundário de criação, aonde a pecuária chegou a após transpor o rio São Francisco no final do século XVII. Nesta época, ocorreu a ocupação do interior do atual Estado do Piauí, e os criadores daquele Estado acabaram se tornando os mais importantes, abastecendo, apesar da distância, a demanda do mercado da Bahia. A partir da Bahia houve, também, uma ocupação no sentido do Ceará, que promoveu a mistura com os animais vindos de Pernambuco. Desse modo, os equinos ocuparam a faixa litorânea do Nordeste e lá se estabeleceram (LIMA et al., 2006).

Adicionalmente, diversos bandeirantes paulistas contribuíram para ampliação da pecuária na Bahia. Isto ocorreu, no final do século XVII, em razão de um levante de índios no sertão baiano, que levou o Governo daquele Estado a solicitar ajuda aos bandeirantes paulistas, experientes em conflitos. Muitos destes bandeirantes não retornaram para São Paulo, constituindo diversas fazendas de gado na região (LIMA et al., 2006).

Simultaneamente, a dispersão dos bovinos e equinos pelo norte e nordeste do Brasil, em menor escala, no Rio de Janeiro e em São Vicente formaram-se núcleos de criação nas regiões de Campos dos Goitacases e ao longo do Rio Paraíba, respectivamente. Com a expansão da mineração, estas regiões, juntamente com o nordeste, abasteceram o mercado de animais de Minas Gerais e Goiás, e, nesse processo, a criação de cavalos se expandiu nas direções daqueles estados. Posteriormente, com o declínio das regiões mineradoras, Minas Gerais tornou-se uma região produtora de algodão e pecuária, convertendo-se no centro criador de mais alto nível na colônia (GOULART, 1964; LIMA et al., 2006).

Segundo GOULART (1964), em 1738 já havia cavalos em Goiás, o que mostra a Carta Régia datada de 26 de agosto daquele ano, na qual El-Rei manda assistir pela Fazenda Real dos Goiás a tropa de cavalos que de Minas Gerais foi para lá transferida.

A tropa existente no estado do Mato Grosso, extremo oeste do país, proveio de animais da expedição de Cabeça de Vaca no início dos anos 1540, e também de outras incursões de países vizinhos. Contudo, no primeiro quarto do século XVIII chegaram a Mato Grosso cavalos oriundos de São Paulo e, posteriormente, a formação dos atuais animais que existem naquela região, recebeu alguma contribuição dos cavalos Curraleiros de Goiás levados ao Mato Grosso em 1779 (GOULART, 1964).

Ao contrário da interiorização das criações de bovinos e equinos em direção ao Norte, Nordeste, Minas Gerais e Goiás, no Sul do Brasil não houve nenhum movimento provocado por núcleos de populações demandantes de carne ou para proteção da lavoura. As primeiras expedições paulistas rumo ao Sul do país tinham como objetivo a captura do gado introduzido pelos jesuítas e, posteriormente, da mesma região os equinos seguiam em direção ao Sul juntamente com os bovinos. Assim, na região dos atuais estados do Paraná e Santa Catarina, os cavalos provenientes de São Paulo misturavam-se com os cavalos descendentes de animais extraviados da viagem de Cabeça de Vaca (LIMA et al., 2006; SUPRINYAK, 2006).

Neste contexto de expansão dos equinos pelo território brasileiro, segundo GOULART (1964), a interiorização do cavalo nos sentidos do centro-oeste, nordeste e norte ocorreu devido ao gado; para o extremo oeste foi independente do gado e no sentido do centro-sul e extremo sul com o gado.

Apesar da chegada dos equinos na região sul ter ocorrido ainda no século XVI, a importância econômica desses animais para a região ocorreu mais tardiamente. Esta região passou a compor a história política e administrativa do Brasil no final do século XVII. Entretanto, economicamente, isso só ocorreu na segunda metade do século XVIII, com a indústria do charque (carne-seca), na região entre o Rio Pelotas e São Gonçalo. Rapidamente, a criação de cavalos no Rio Grande do Sul ganhou importância, transformando a região em fornecedora de equídeos para as demais regiões (LIMA et al., 2006; SUPRINYAK, 2006).

A negociação de animais vivos, tanto para corte como para carga, do sul do país para as demais regiões no início do século XVIII esbarrava em um problema primordial: a falta de estradas adequadas que ligassem esta parte da

colônia à região central. O primeiro passo para a solução desta dificuldade crucial foi dado com a expedição oficial comandada por Francisco de Souza e Faria, realizada entre 1727 e 1730, cujo objetivo explícito era a abertura do “caminho das tropas”, abrindo estradas que viabilizariam o estabelecimento e a consolidação da atividade de fornecimento de animais em pé dos territórios do sul para as capitanias de São Paulo e Minas Gerais. No entanto, esta expedição deparou-se com a oposição de alguns interesses consolidados em torno do velho caminho que passava pelo litoral, o que resultou em dificuldades para conclusão das obras e, na adoção de um trajeto excessivamente acidentado e inadequado para a condução das tropas. Em grande medida, estas adversidades foram solucionadas por meio da ação de Cristóvão Pereira de Abreu, que partiu ao encontro de Francisco de Souza e Faria, o qual alcançou em Laguna. Lá, auxiliou-o na remoção de empecilhos administrativos e no recrutamento de braços para a sequência das obras. No ano de 1731, após sair do Rio Grande do Sul com 3.000 cavalgaduras, Cristóvão Pereira de Abreu chega a São Paulo utilizando-se do caminho das tropas, e a partir de então se iniciou a condução regular de animais por aquelas estradas (SUPRINYAK, 2006).

### **2.3 As raças equinas brasileiras**

Inicialmente, após a introdução do equino no Brasil, em vista do pequeno número de animais, do alto valor de custo e dos excelentes serviços que prestavam, provavelmente, esses animais eram tratados com algum cuidado. Porém, à medida que se multiplicavam rapidamente, a criação de cavalos foi sendo deixada em segundo plano. A mão de obra no Brasil foi sempre escassa e de má qualidade. Ao colono português interessava apenas o enriquecimento rápido, e para consegui-lo, dedicava-se ao comércio ou às indústrias extrativistas, sendo que com as indústrias agrícolas pouco se preocupava. Dessa maneira, em pouco tempo os equídeos passaram a se multiplicar em campos abertos sofrendo as pressões de uma autêntica seleção natural pela qual só os mais aptos, mais resistentes, mais rústicos e que melhor se adaptavam ao ambiente conseguiam sobreviver (HERMSDORFF, 1956).

Após se expandirem pelas diversas regiões do Brasil, os equinos encontraram condições adversas em regiões distintas às quais tiveram que se adaptar. Desta maneira, originaram-se a maioria das raças nacionais. A grande maioria dos cavalos brasileiros era representada por exemplares em estado de variação desordenada, em todos os sentidos. A única característica conservada, senão aumentada, seria a rusticidade. Somente em certos lugares, onde os cavalos recebiam alguns cuidados por parte dos criadores, sobressaíram-se pequenos e bons núcleos que permitiram uma proveitosa seleção para formarem raças que, naquela época, constituíam o orgulho dos criadores nacionais, tais como a Crioula, a Mangalarga e a Campolina. O restante da população de equinos do Brasil era geralmente classificado em um grupo denominado como raça Comum e, dentro desta raça, existiam também alguns subgrupos que, se convenientemente selecionados, poderiam formar, com o tempo, raças específicas tais como os cavalos existentes no Nordeste, Norte de Goiás, Oeste da Bahia e Pantanal do Mato Grosso (HERMSDORFF, 1956).

Ao descrever a população equina brasileira, GOULART (1964) também se referiu a quatro raças distintas: Crioula, Mangalarga, Campolina e Comum. Segundo CORRÊA (1935) citado por GOULART (1964), os cavalos nacionais se reduziam a três tipos principais: o primeiro seria o tipo mais semelhante ao Andaluz, ao qual se poderiam filiar os cavalos que sofreram seleção, como Mangalarga, Campolina, Sublime, entre outros. Eram animais reforçados, tipo subconvexo e marchadores em geral, que se encontravam, sobretudo, nos estados de Minas Gerais, São Paulo e no sul do país. O segundo tipo de cavalo era menor, de perfil retilíneo, de grande vivacidade e resistência, e muito parecido com o Árabe. Incluíam-se neste tipo, o cavalo Curraleiro de Goiás, o Guarapuavano dos campos gerais do Paraná e a maioria dos Pequiras, inclusive, grande parte dos cavalos conhecidos vulgarmente pela denominação de Nordestino, que povoavam os sertões do nordeste. Ainda no segundo tipo, CHIEFFI (1940) citado por GOULART (1964) admitia a inclusão dos cavalos denominados Mimoseano e Bahia, existentes naquela época em Mato Grosso e Goiás. Ao terceiro tipo pertencia o cavalo Comum que, como seu nome indicava, seria talvez o mais espalhado e lembrava o cavalo Barbo, não só pelo tipo como pela resistência ao sofrimento. Contudo, para GOULART (1964), todos os cavalos

pertencentes ao segundo e ao terceiro tipo da referida classificação integravam a raça Comum.

Em ordem cronológica, as primeiras associações de criadores de cavalos que surgiram no Brasil foram as das raças Crioulo, Mangalarga, Mangalarga Marchador e Campolina (BECK, 1982). Posteriormente, os grupos mais característicos que compunham a raça Comum foram sendo identificados como recursos genéticos importantes para as respectivas cadeias produtivas locais, e novas raças equinas brasileiras foram descritas e oficialmente reconhecidas. Entre as raças mais recentemente descritas incluem-se: Nordesteiro, Campeiro, Lavradeiro, Marajoara, Pantaneiro, Puruca e Baixadeiro (MARIANTE et al., 2003; GIACOMONE, 2007; SILVA et al., 2012).

### 2.3.1 O Cavalo Comum

Os cavalos denominados Comuns foram descritos ao longo da história dos equinos no Brasil como pertencentes a uma única raça. Porém, para este grupo de cavalos nunca se constituiu uma associação de criadores, já que nunca compuseram um grupo homogêneo de localização geográfica definida. Contudo, diversos autores sempre citaram grupos dentro dessa raça que, se melhor estudados e direcionados reprodutivamente, poderiam formar raças equinas brasileiras bem caracterizadas. Desse modo, com o passar dos anos e com a maior atenção a esses grupos que compunham a raça Comum, várias raças brasileiras passaram a ser descritas (HERMSDORFF, 1956; GOULART, 1964; TORRES & JARDIM, 1979; BECK, 1982; PESSOA FILHO, 2006).

Segundo HERMSDORFF (1956), o cavalo Comum era encontrado em todas as regiões do território brasileiro e as diferenças de clima, solo, pastagens, processos de criação e manejo, entre outras, lhe imprimiram modificações acentuadas, de maneira que não se poderiam estabelecer normas gerais para o seu melhoramento. As regiões do sertão nordestino, das pastagens baianas cobertas de capim mimoso, do pantanal mato-grossense e dos campos paranaenses eram possuidoras de grupos de cavalos que apresentavam qualidades específicas e estavam merecendo a atenção dos especialistas brasileiros. Além dos grupos de equinos conhecidos como Sertanejo ou

Nordestino, Mimoseano e Bahia, GOULART (1964) citou o cavalo Guarapuavano e o cavalo Curraleiro, sendo este último de origem goiana ou mato-grossense.

#### 2.3.1.1 O Cavalo Curraleiro

Segundo GOULART (1964), este tipo de cavalo, componente da antiga raça Comum, seria derivado do Mimoseano e do Bahia. As manadas desses animais povoavam as imensas planícies mato-grossenses que o rio Paraguai inunda anualmente. As grandes distâncias e as dificuldades de comunicação entre o litoral e a região Centro-Oeste do Brasil segregaram, por muito tempo, o cavalo Curraleiro, livrando-o de cruzamentos desordenados. Assim, dentre aqueles animais podiam ser identificados os representantes mais típicos da raça Comum, dos quais se deveriam singularizar os exemplares para qualquer tentativa de melhoramento seletivo desta raça.

O cavalo Curraleiro também era encontrado no platô goiano, limitado pelas bacias dos rios Parnaíba, Tocantins, Araguaia e Aporé. Constituía uma população de equinos de pequeno tamanho e que atendia satisfatoriamente os trabalhadores de Goiás no manejo do gado, onde predominava a pecuária extensiva. Igualmente e com a mesma denominação de Curraleiro, existia um tipo de cavalo no sul de Mato Grosso, com características semelhantes aos cavalos goianos, tanto na conformação como nas qualidades. Portanto, o cavalo Curraleiro apresentava subtipos, com denominações regionais variadas, mas sem grandes diferenciações morfológicas e dos demais caracteres morfológicos. Dentre esses animais, além do goiano, estariam o cuiabano, o mato-grossense, o pantaneiro e o papagaio, que seriam próprios da região do Pantanal, nas redondezas de Cuiabá e das zonas de campos cerrados abaixo da serra Amambaí. O Curraleiro goiano teria se originado de cavalos paulistas levados pelos desbravadores, enquanto que o mato-grossense, além de sangue piratiningano, recebeu forte influência do cavalo espanhol introduzido pela fronteira paraguaia (GOULART, 1964).

Como visto anteriormente, GOULART (1964) considerava a presença de um cavalo que povoava as planícies mato-grossenses, denominado cavalo

Curraleiro, mesmo nome dado ao cavalo do Estado de Goiás. Contudo, HERMSDORFF, em 1956, já denominava os cavalos da região do Mato Grosso como cavalos Pantaneiros e, inclusive, imputava a estes animais a mesma origem e características, o que permite concluir que esses autores se referiam ao mesmo tipo de cavalo.

Diante dos fatores que estavam contribuindo para a extinção do cavalo Pantaneiro, foi fundada em 1972 a Associação Brasileira dos Criadores de Cavalo Pantaneiro, tendo como finalidade congregar os criadores, organizar e manter o registro genealógico da raça, fomentar a criação e estudar todos os assuntos referentes à raça (SANTOS et al., 1995). Em 1979, TORRES & JARDIM já se referiam ao Pantaneiro como uma raça estabelecida e que se originou de cavalos goianos e possivelmente cavalos da região do Prata. Contudo, o cavalo Curraleiro goiano, citado com grandes elogios por autores como SILVA (1908), LLOYD (1913) e GOULART (1964), não recebeu nenhum tipo de iniciativa para se evitar a degeneração desta potencial raça adaptada à região.

Segundo relato de SILVA (1908), no início do século XX existia no estado de Goiás um tipo de cavalo nacional por excelência e digno de estudo, o cavalo Curraleiro, também chamado de cavalo Sertanejo. Os melhores e mais característicos espécimes desta que, era considerada uma raça equina, encontravam-se ou procediam do Vão do Paranã, zona limite entre o estado de Goiás com os estados de Minas Gerais e Bahia. A sua distribuição geográfica, porém, era muito mais vasta, incluindo todo o norte de Goiás e talvez compreendendo igualmente os sertões interiores dos estados nortistas. O autor citou que esta suposta distribuição geográfica pelo sertão do Brasil se devia aos relatos da existência em todo o litoral brasileiro do chamado cavalo Nortista, que chegavam a fazer mais de vinte léguas por dia. Os Curraleiros de Goiás não andavam tanto, mas quanto à resistência ao trabalho e rusticidade seriam o ideal da perfeição. O cavalo Curraleiro não se distinguia pela estatura, que no máximo atingia o porte médio dos cavalos nacionais, mas era excelente pela rigidez de seus músculos e resistência a toda prova, sendo bem conformado e notável pela agilidade. Tinham o pelo fino e luzidio, e a cauda longa.

Pela seleção inteligente, talvez essa autêntica raça goiana, que no início do século XX já se mostrava degenerada, atingisse ao tipo superior dos

animais que ela descende. Não lhe notavam os defeitos mais comuns nas outras raças degeneradas da época, como por exemplo, o albinismo (SILVA, 1908).

Para LLOYD (1913), os melhores exemplares de equinos existentes no Brasil nas primeiras décadas do século passado encontravam-se especialmente em Minas Gerais, Paraná, Goiás, São Paulo e Rio Grande do Sul. Apesar do tipo pequeno, o cavalo Curraleiro de Goiás era afamado por sua resistência.

Os cavalos do Estado de Goiás parecem ter recebido a denominação de cavalos Curraleiros na literatura especializada pela última vez por GOULART (1964). Posteriormente, esses equinos foram descritos na literatura apenas de maneira geral como cavalos Comuns, não havendo ênfase ao cavalo goiano (TORRES & JARDIM, 1979; BECK, 1982). Contudo, o cavalo Curraleiro ainda parece ser um tipo de cavalo específico e que permaneceu no conhecimento tradicional dos criadores e conhecedores desse equino em determinada região do Estado de Goiás.

#### **2.4 Conservação de recursos genéticos equinos no Brasil**

Recurso genético é qualquer material genético vegetal ou animal que pode ser utilizado na produção de alimentos, somado de todo o conhecimento tradicional associado ao sistema social, econômico e ambiental pelo qual este recurso torna-se importante. O termo Conservação de Recursos Genéticos (CRG) refere-se a toda e qualquer ação humana, incluindo estratégias, ações e políticas, que garantam a manutenção da diversidade dos recursos genéticos e a contribuição destes na geração de alimentos e produção agropecuária, bem como na preservação de valores ecológicos e culturais para o futuro (FAO, 2007; SILVA, 2011).

As estratégias de conservação abrangem as ações que podem ser realizadas mantendo-se os rebanhos nos locais em que foram originados ou são tradicionalmente criados (conservação *in situ*), em regiões geográficas distintas como em zoológicos (*ex situ - in vivo*) e também por métodos de criopreservação de material genético, como sêmen, embriões e DNA (*ex situ - in vitro*). Em relação à conservação *in situ*, tem sido destacado atualmente o termo “*on farm*”, no qual o

criador possui notável poder de decisão sobre o planejamento do rebanho. Dentre as etapas envolvidas nesse processo de conservação destacam-se a identificação das populações em risco de extinção ou diluição genética, caracterização genômica e fenotípica, e avaliação do potencial produtivo da população em relação aos habitats e aos sistemas de produção nos quais essas populações se desenvolveram e aos quais estão adaptadas (EGITO, 2002; FAO, 2007; SILVA, 2011).

A partir das décadas de 1980 e 1990, o conhecimento acerca da constituição e importância das raças equinas brasileiras vem aumentando. Conseqüentemente, projetos que visem à conservação das raças naturalmente selecionadas em nosso país estão sendo estabelecidos. Os cavalos Comuns adaptados vêm sendo estudados como recursos genéticos de grande importância para as respectivas cadeias produtivas locais, principalmente no que diz respeito à adaptação aos ecossistemas e a utilização pelo homem. Porém, algumas populações específicas carecem de iniciativas que visem a sua preservação. Tem-se atualmente como exemplo os cavalos Nordestinos, cuja associação de criadores foi desativada nos anos 90, e a raça não apareceu nas listas de animais que pertenciam a projetos de pesquisas do Programa Brasileiro de Conservação de Recursos Genéticos Animais (PBCRGA) no ano de 2008 (MARIANTE et al., 2009).

No Brasil, estão estabelecidas as raças Brasileiro de Hipismo, Campolina, Crioulo, Mangalarga Machador, Mangalarga Paulista, Nordestino, Campeiro, Lavradeiro, Marajoara, Pantaneiro e Puruca (MARIANTE et al., 2003; GIACOMONE, 2007). No ano de 2008, as cinco últimas já pertenciam a projetos de pesquisas do PBCRGA (MARIANTE et al., 2009). Existe ainda no Brasil o cavalo Baixadeiro, o qual pode ser considerado um grupo genético único e também está incluso em projetos do PBCRGA (SILVA et al., 2012).

Recentemente, projetos que visem identificar e caracterizar potenciais recursos genéticos animais, inclusive recursos genéticos equinos, têm utilizado metodologias de análise do conteúdo tradicionalmente utilizadas nas áreas humanas (GORDO et al., 2013; SOLANO et al. 2013).

## 2.5 Análise do conteúdo

Nas ciências humanas e sociais, apesar das divergências conceituais existentes entre o que se considera como quantitativo e qualitativo, na pesquisa qualitativa observa-se o predomínio dos dados textuais categóricos, importantes para a identificação de variáveis em contextos pouco conhecidos. Dentre os vários métodos classificados como pesquisa qualitativa pode-se citar o estudo de caso, a entrevista, a observação participante, a etnografia, a análise documental, os métodos visuais, a análise do discurso e a análise de conteúdo. Esses métodos de coleta e análise dos dados tem em comum o interesse pelo que é dito ou escrito pelos membros de grupos de interesse do pesquisador (ROCHA & MARCELINO, 2013).

Entre as diferentes técnicas de análise de dados textuais, destaca-se a análise de conteúdo. Esta técnica pode ser realizada manualmente segundo BARDIN (2004) ou com a utilização de softwares como o Alcest (REINERT, 1986). A primeira técnica se refere à análise semântica e a segunda à análise lexical. Entretanto, ambas podem ser utilizadas de forma conjugada, dependendo dos objetivos da pesquisa (ROCHA & MARCELINO, 2013).

Segundo BARDIN (2004), a análise de conteúdo é um conjunto de instrumentos metodológicos em constante aperfeiçoamento que se aplicam a discursos extremamente diversificados. O fator comum dessas múltiplas técnicas é a interpretação controlada, baseada na dedução: a inferência.

Nas ciências agrárias, o uso de técnicas de análise de dados qualitativos tem se desenvolvido, principalmente, nas áreas da antropologia, sociologia e mais recentemente na área da psicologia social. Esse tipo de metodologia tem sido empregado em pesquisas que envolvam percepção e comportamento de adoção tecnológica. Porém, as análises quantitativas e econômicas ainda são predominantes, e negligenciam os fatores culturais e sociais que envolvem o comportamento (ROCHA et al., 2008; GORDO & SILVA, 2010).

GORDO et al. (2013) analisaram a situação do uso das biotécnicas da reprodução, especificamente a inseminação artificial convencional (IA) e a inseminação artificial em tempo fixo (IATF) no Estado de Goiás. Os autores

realizaram pesquisa de percepção de 71 pecuaristas envolvidos no uso dessas biotécnicas analisando as principais questões presentes no discurso desses atores quando se discutia o uso de IA e IATF. A análise dos dados foi feita usando o método clássico de análise de conteúdo do discurso textual, e revelou que a motivação pessoal é o principal fator envolvido no processo de adoção da IA no Estado de Goiás e está mais atrelada aos pontos fortes do uso da biotécnica e às expectativas positivas, sendo estas mais voltadas ao fenótipo dos animais do que a fatores econômicos. Os pré-requisitos necessários estão em segundo plano, com destaque à mão de obra, infraestrutura e manejo animal, seguido da influência social, com evidência das entidades e pessoas envolvidas com a IA e com o cotidiano dos pecuaristas.

No contexto da conservação de recursos genéticos equinos, SOLANO et al. (2013) analisaram o discurso de criadores de cavalos Campeiros no Sul do Brasil com o objetivo de auxiliar na identificação de temas mais relevantes no contexto atual de criação do cavalo Campeiro. Aqueles autores também objetivaram revelar alguns fatores que impulsionavam a criação da raça e que teriam potencial de agregar valor ou servir de estratégia para a conservação, fortalecimento e maior divulgação da raça. O conteúdo transcrito das entrevistas foi analisado segundo BARDIN (2004). A análise revelou uma forte identidade com relação à cultura local e a criação do cavalo Campeiro, sendo notórias as questões ligadas à tradição, herança familiar, e o uso desse recurso genético no trabalho e lazer rural. Os dados apontaram para um cenário favorável, e mais tranquilizador, na perspectiva da conservação da raça. Foram detectados ainda alguns problemas e dificuldades, como aspectos organizacionais e de capitalização em relação à criação do cavalo Campeiro.

### **3 OBJETIVOS**

#### **3.1 Objetivo geral**

O objetivo geral do presente estudo foi identificar e caracterizar o recurso genético equino local em processo de extinção no Estado de Goiás, identificado na literatura como cavalo Curraleiro, gerando assim conhecimentos iniciais necessários para subsidiar a elaboração de programas de conservação e multiplicação destes animais em seu próprio habitat.

#### **3.2 Objetivos específicos**

- Entrevistar criadores e conhecedores de cavalos Curraleiros que, embora não sejam reconhecidos oficialmente como pertencentes a um grupo racial específico, sejam identificados e utilizados por seus criadores de maneira igualitária ou semelhante;
- Obter informações históricas e atuais sobre a existência e localização de um cavalo típico no nordeste de Goiás;
- Acessar o conhecimento tradicional sobre as características e as denominações que são dadas ao cavalo da região;
- Traçar um diagnóstico atual sobre a realidade do processo de extinção em que está situado o grupo de equinos estudado;

## **4 MATERIAL E MÉTODOS**

### **4.1 Delineamento das entrevistas**

As entrevistas de caráter exploratório foram aplicadas a entrevistados classificados segundo as seguintes categorias de conhecimento sobre os cavalos objetos do presente estudo: criador (criador de cavalos possivelmente Curraleiros que não detém conhecimentos históricos acerca dos animais), conhecedor (pessoa que detém informações históricas sobre o cavalo Curraleiro), criador/conhecedor (entrevistado que se enquadra nas classificações de criador e conhecedor), comerciante (trabalha com o comércio de equinos e tem conhecimento sobre todos os tipos de cavalos comercializados naquela região) e morador (pessoa que não cria cavalos, mas conhece o cavalo Curraleiro por morar na região). A amostragem não-probabilística foi definida pelo critério de saturação de crenças, e incluiu entrevistados de quatro municípios do Estado de Goiás: Cavalcante, Nova Roma, Iaciara e Silvânia (Figura 1). Para a coleta dos dados, as falas dos entrevistados foram registradas em um gravador de voz digital (Panasonic RR-US570). As respostas gravadas foram obtidas somente após o consentimento dos entrevistados. Os instrumentos foram desenvolvidos a fim de se identificar e caracterizar o objeto de estudo por meio de dados qualitativos e quantitativos. Cada entrevista foi conduzida para identificar cavalos cujos respondentes referem-se aos animais com estereótipos próprios ou os consideram típicos de determinada categoria de agricultor ou trabalhador, podendo constituir assim um grupamento genético equino local. O instrumento para realização das entrevistas e acesso ao conhecimento tradicional foi um questionário semi-estruturado, contendo perguntas abertas (apêndice 1). O questionário foi desenvolvido por estudantes do Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal (PPGCA) da Escola de Veterinária e Zootecnia da Universidade Federal de Goiás (EVZ-UFG), capacitados pela equipe de Reprodução Animal e de Avaliação de Transferência de Tecnologia da Embrapa Cerrados.

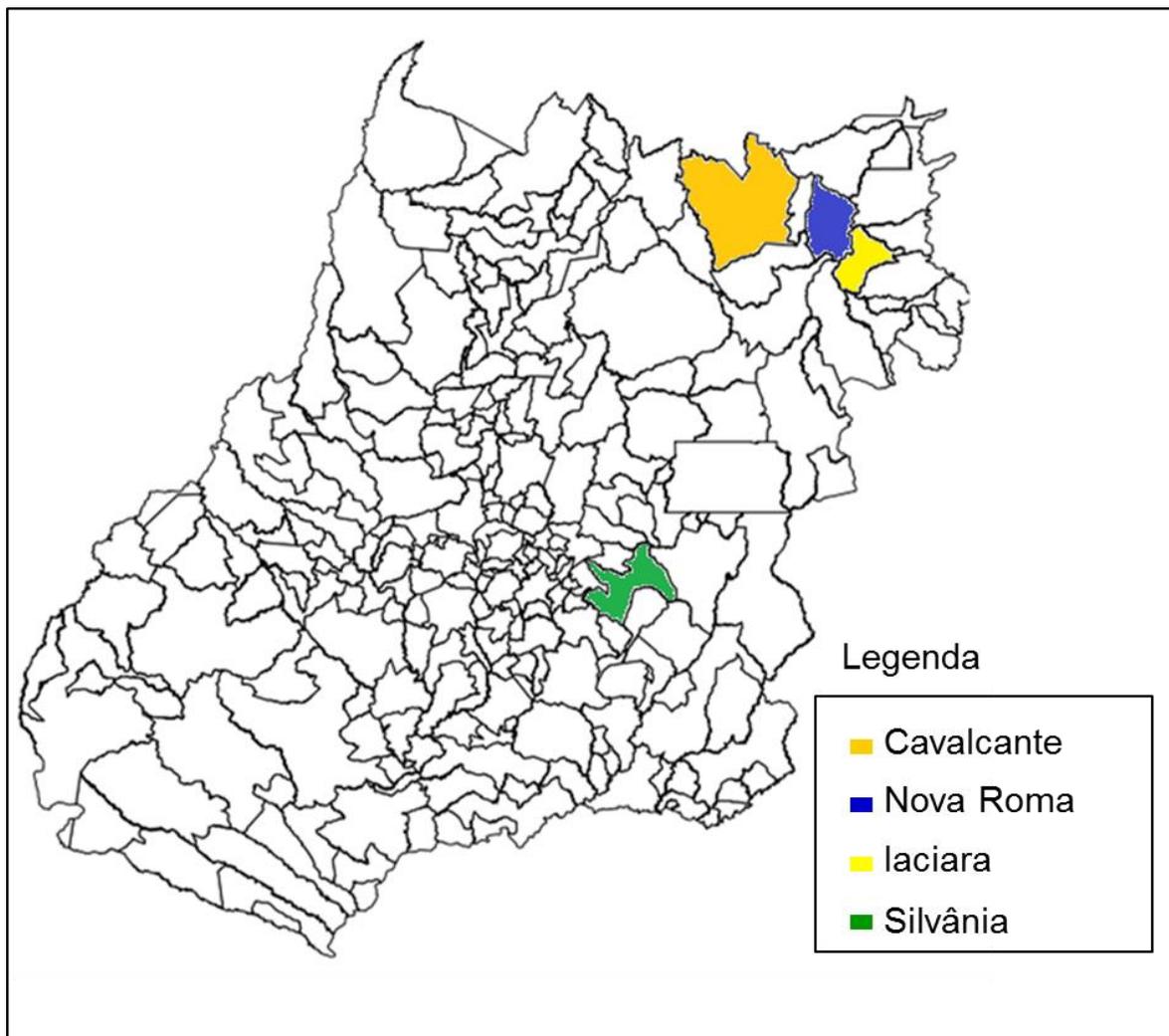


Figura 1. Mapa do Estado de Goiás destacando os quatro municípios de realização das entrevistas que compuseram o grupo amostral do estudo sobre a identificação e caracterização de equinos locais no Estado de Goiás.

Fonte: [http://cidades.ibge.gov.br/download/mapa\\_e\\_municipios.php?lang=&uf=go](http://cidades.ibge.gov.br/download/mapa_e_municipios.php?lang=&uf=go)

#### 4.2. Análise dos dados

A análise dos dados foi realizada por meio de um conjunto de procedimentos de análises quantitativa e qualitativa, conforme o modelo clássico de análise de conteúdo (BARDIN, 2004). As respostas dos entrevistados foram o ponto de partida para a análise, cujo plano foi constituído por três etapas básicas.

A primeira etapa, denominada pré-análise, segundo ROCHA et al (2008), é a etapa equivalente a organização do material de pesquisa, que se estende desde o levantamento de material bibliográfico sobre o objeto de estudo

até a determinação do conjunto de dados (*corpus*) a ser analisado. As falas dos entrevistados foram transcritas em um documento textual único sem a inclusão das perguntas, gerando assim um banco de dados. Realizou-se uma primeira leitura e as informações que não puderam ser compreendidas foram desconsideradas. Desse modo, em um único bloco de sentenças, procedeu-se uma nova leitura das palavras e frases. Assim, foram realizadas as etapas pré-analíticas de transcrição e constituição de um *corpus*, bem como a etapa de impregnação, ao realizar a leitura flutuante e também profunda do *corpus*.

Na segunda etapa foi realizada a análise do *corpus*. As diferentes informações foram separadas no *corpus* por um símbolo correspondente a uma barra (/), no qual os enunciados e/ou número mínimo de palavras que tem um significado foram localizados entre duas barras e considerados um “recorte”, sendo definidos como unidades de contexto elementar (UCEs). Sentenças que possuíram ideias de contrariedade, adversidade, complementaridade ou que tinham sentido dedutivo foram consideradas em um único recorte. Já as sentenças que tinham ideias confirmatórias (reiteração) foram recortadas em UCEs diferentes. As informações consideradas passíveis de serem omitidas foram substituídas por três pontos (...). Deste modo, foram executadas as etapas de fragmentação (recorte) e codificação do *corpus*. Em seguida, os recortes (UCEs) foram aglomerados em grupos temáticos semelhantes, dando origem às categorias, que foram divididas em subcategorias primárias, secundárias e terciárias. Após esta etapa de categorização, para observar a estrutura das categorias e permitir o processo inferencial, foi realizada a quantificação das UCEs (% e *f*) incluindo as subcategorias. Assim, foram efetuadas as etapas analíticas de codificação, categorização e quantificação das informações.

Na terceira etapa, denominada inferencial, após a organização e quantificação das categorias e subcategorias, foi realizada a etapa de operacionalização, na qual foram realizadas interpretações e inferências fundamentadas na experiência profissional dos membros da pesquisa, referenciais teóricos utilizados e observações realizadas ao longo da coleta e análise dos dados. Deste modo, a nomeação das categorias e subcategorias foi realizada *a posteriori*.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 5.1 Perfil dos participantes nas entrevistas

No total, foram realizadas 20 entrevistas nos municípios de Nova Roma, Cavalcante, Iaciara e Silvânia no Estado de Goiás. Foram entrevistados nove criadores, cinco criadores/conhecedores, três moradores, dois comerciantes e um conhecedor. Na Figura 2 estão representados os municípios e as classificações dos entrevistados do estudo.

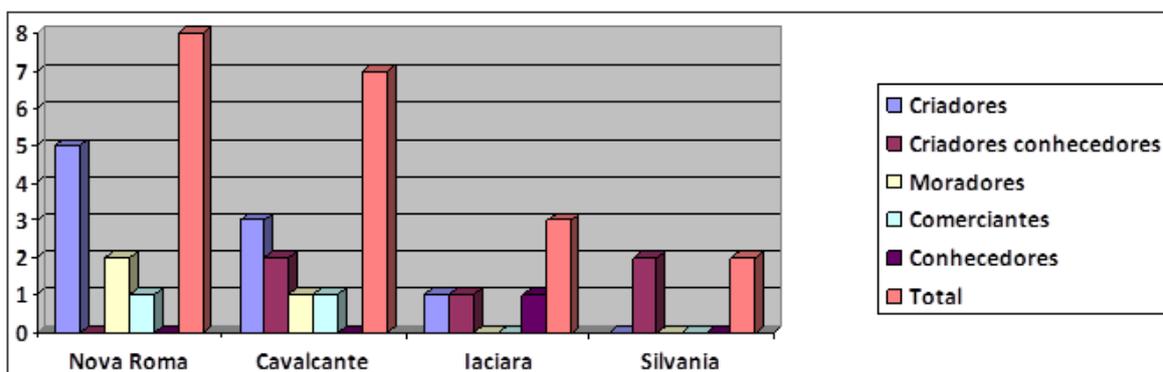


Figura 2. Representação gráfica da distribuição dos entrevistados participantes do estudo acerca da identificação e caracterização de equinos locais no Estado de Goiás, segundo as categorias de conhecimento acerca do objeto de estudo por município.

A maioria das entrevistas ocorreu no município de Nova Roma (8/20), sendo 1/8 na cidade de Nova Roma, 4/8 entre a cidade e o povoado de Ouro Minas e 3/8 no povoado de Ouro Minas. O município de Nova Roma se destacou pelo número de criadores (5/8). Esta observação é decorrente, provavelmente, ao acesso ao município ser mais difícil, principalmente ao povoado de Ouro Minas, que é realizado por estradas não pavimentadas e precárias. Desta forma a chegada de equinos de raças oficialmente reconhecidas ocorre em menor proporção, e a criação de animais da própria região é preservada para atender a necessidade, a demanda e a mobilidade locais. O mesmo número de criadores pode ser observado no município de Cavalcante, quando considerados os criadores/conhecedores. Cavalcante também possui regiões de difícil acesso, como o Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga. Em consequência das dificuldades de acesso regionais, a disponibilização de novas e inovadoras

tecnologias é retraída, causando uma demanda local de animais adaptados e localmente criados.

No município de Iaciara existe uma maior dificuldade em se encontrar pessoas que detêm um conhecimento tradicional associado ao recurso genético equino existente no nordeste goiano. Este fato pode ser explicado devido o acesso ao município ser facilitado por estradas pavimentadas e pela economia local voltada ao *agrobusiness*. Segundo dados do IBGE (2010), o efetivo de equinos no estado de Goiás é o quarto do país. A influência de raças de maior valor econômico na equinocultura local, como principalmente o Quarto-de-Milha, faz com que poucos criadores mantenham espécimes locais, apesar do município estar situado na microrregião do Vão do Paranã, onde historicamente estavam presentes os cavalos Curraleiros em Goiás (SILVA, 1908).

Apesar de o município de Silvânia estar situado na mesorregião Sul Goiano, mais especificamente na microrregião de Pires do Rio, foram entrevistados dois criadores/conhecedores no município. A existência de criadores de cavalos Curraleiros naquela região de Goiás se justifica pelo perfil destes criadores. Ambos são proprietários admiradores de raças locais, criando inclusive equinos da raça Crioula e bovinos da raça Curraleiro Pé-Duro.

Apesar do grupo constituído por criadores/conhecedores não representar o maior número de entrevistas, esta categoria foi a mais representativa (55,2%) na composição do *corpus*. O perfil dos criadores/conhecedores entrevistados permitiu a identificação desta categoria pelo fato dos entrevistados deterem um maior conhecimento histórico sobre os cavalos Curraleiros. O *corpus* foi constituído ainda pela fala de criadores (21,8%), conhecedores (12,8%), comerciantes (7,5%) e moradores (2,7%) conforme a distribuição percentual destacada na Figura 3.

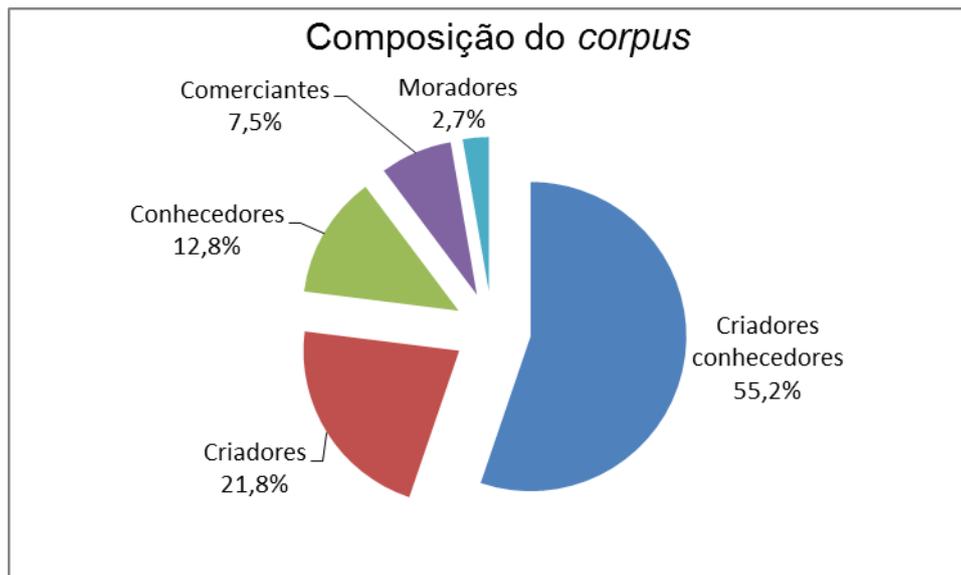


Figura 3. Gráfico representativo das percentagens de cada classe de entrevistados em relação à composição do *corpus*.

## 5.2 Categorias e subcategorias

Mediante a aglomeração das unidades de contexto elementar (UCEs) que compunham o *corpus*, cinco categorias emergiram: 1) Identificação e localização dos equinos, formada por 21,9% do total das UCEs; 2) Caracterização dos equinos, constituída por 44,2% do total das UCEs; 3) Aspectos históricos, composta por 23,5% das UCEs; 4) Perspectivas de conservação, constituída por 5,8% das UCEs; e 5) Aspectos sanitários e produtivos, formada por 4,6% do total das UCEs.

### 5.2.1 Operacionalização do processo de categorização

#### 5.2.1.1 Categoria 1

A Categoria 1, definida pela identificação e localização dos equinos, foi constituída por duas subcategorias primárias: Percepções sobre a existência de um grupo equino; e Presença atual dos cavalos nas comunidades (Quadro 1).

QUADRO 1. Sumarização da categoria 1 sobre identificação e localização dos equinos Curraleiros e suas respectivas subcategorias.

<b>Categoria 1: Identificação e localização dos equinos</b>		
<b>Subcategoria primária</b>	<b>Subcategoria secundária</b>	<b>Subcategoria terciária</b>
Percepções sobre a existência de um grupo equino	Denominações	Curraleiro
		Pé-duro
		Comum
		Piquira
	Contextualização racial	Constituição de um grupo diferenciado
		Não é um pônei
		Relação com o cavalo Pantaneiro
		Não reconhecimento como raça
Presença atual dos cavalos nas comunidades	Dificuldade de se encontrar o cavalo Curraleiro	
	Prováveis localizações	Paraná-Araias (Sertão)
		Araí (São Domingos)
		Nova Roma-Iaciara

A subcategoria primária Percepções sobre a existência de um grupo equino está relacionada às percepções dos entrevistados sobre a existência de um grupo de cavalos diferentes das raças nacionalmente reconhecidas e que recebem denominações próprias. Esta subcategoria primária foi dividida em duas subcategorias secundárias:

- Denominações, dividida em quatro subcategorias terciárias (Curraleiro; Pé-duro; Comum; e Piquira). Exemplos de UCEs, respectivamente:

*“Aqui o pessoal chama eles de Curraleiro mesmo/ Esses aqui são os cavalos Pé-duro da região mesmo/ Tem os cavalos Comuns, mas só vocês vendo/ Eles chamam de Piquira”.*

- Contextualização racial, dividida em quatro subcategorias terciárias (Constituição de um grupo diferenciado; Não é um pônei; Relação com o cavalo Pantaneiro; Não reconhecimento como raça). Exemplos de UCEs, respectivamente:

*“O Curraleiro não tem sangue desses outros cavalos, é outra coisa/ Só que ele não é pônei não, é diferente, é Curraleiro/ Aqui*

*tem o Curraleiro igual tem no Pantanal o cavalo Pantaneiro/ Os Curraleiros que tinham aqui na região não tinham raça”.*

A subcategoria primária Presença atual dos cavalos nas comunidades diz respeito à existência atual do cavalo Curraleiro nas regiões visitadas, bem como a possibilidade de se encontrar alguns exemplares e suas localizações mais prováveis. Esta subcategoria primária foi subdividida nas subcategorias secundárias:

- Dificuldade de se encontrar o cavalo Curraleiro, exemplos de UCEs:

*“Hoje as vezes ainda podemos achar alguns cavalos Curraleiros/ Não vai ser fácil vocês acharem uns Curraleirinhos puros por ai não, está muito escasso/ Mas aqui ou ali ainda tem tropa nativa Curraleira/ Agora vocês não acharão muitos desses cavalos, são poucos”.*

- Prováveis localizações, subdividida em três subcategorias terciárias: “Paraná-Arraias (Sertão)”; “Araí (São Domingos)”; “NovaRoma-laciara”. Exemplos de UCEs, respectivamente:

*“O povo fala que ainda tem cavalo e gado Curraleiro é aqui nesse sertão de Arraias, ainda tem Curraleiro Pé-duro gado e cavalo também/ Eu acho que desses cavalos originais vocês só acharão aqui nessa região de São Domingos/ Aqui nessa região entre Ouro Minas e laciara ainda acham alguns Curraleiros mais puros”.*

#### 5.2.1.2 Categoria 2

A Categoria Caracterização dos equinos foi constituída por quatro subcategorias primárias: Caracterização morfológica; Caracterização funcional; Temperamento; e Características de exclusão (Quadro 2).

QUADRO 2. Sumarização da categoria 2 sobre a caracterização dos equinos Curraleiros e suas respectivas subcategorias.

<b>Categoria 2: Caracterização dos equinos</b>		
<b>Subcategoria primária</b>	<b>Subcategoria secundária</b>	<b>Subcategoria terciária</b>
Caracterização morfológica	Pequeno a médio porte	
	Cascos pequenos e inclinados (“Cascos de burro”)	
	Anca curta e caída (“Anca de porco”)	
	Orelhas pequenas	
	Pelagem	Diversas cores
		Pelos finos na crina e cauda
	Pelos na região da quartela e boleto	
	Cabeça pequena	
Caracterização funcional	Resistência	
	Adaptação à região pedregosa e de serra	
	Bons para trabalho e lida com o gado	
	Habilidade e agilidade	
	Cavalos bons, de maneira geral	
	Andamento	Marchadores
Não marchadores		
Temperamento	“Sangue quente”	
	“Sangue frio”	
Características de exclusão	Casco grande e não adaptado	
	Animais sem resistências	
	Pescoço desenvolvido	
	Anca grande	
	Animais grandes	
	Desconforto	
	Animais largos	

Denominada de Caracterização morfológica, a primeira subcategoria primária foi constituída pelas UCEs que continham as tentativas dos entrevistados em caracterizar os cavalos em estudo quanto ao porte, cascos, anca, orelhas, pelagem, presença de pelos e tamanho da cabeça. Desta forma surgiram sete subcategorias secundárias:

- Pequeno a médio porte, exemplos de UCEs:

*“O Curraleiro é de meio tamanho/ O Curraleiro é pequeno/ Ele não é pequeno nem grande demais, porte médio/ Se vocês quiserem selecionar devem ser dos médios para os pequenos”.*

- Cascos pequenos e inclinados (“Cascos de burro”), exemplos de UCEs:

*“O casco do Curraleiro é diferente, é redondinho, miúdo, firme/ Pezinho pequeno/ O casco deles é em pé”.*

- Anca curta e caída (“Anca de porco”), exemplos de UCEs:

*“A característica do cavalo Curraleiro, a anca dele, tem uns que tem a anca de porco que agente trata, a anca que não é reta assim não, ela é mais caída assim, esse é aquele que tinha antigamente/ Nós chamamos a anca dele de anca de porco”.*

- Orelhas pequenas, exemplos de UCEs:

*“A orelha do Curraleiro é pequena/ Não tem muito orelhudo não/ O Curraleiro que nós conhecemos aqui, e que quando eu cresci eu conheci, tem a orelha pequena”.*

- Pelos na região da quartela e boleto, exemplos de UCEs:

*“Tem uns que tem o machinho bem cabeludo até em cima/ Piadozim (Quartela) curto e cabeludo”.*

- Cabeça pequena, exemplos de UCEs:

*“Cabeça pequena/ Cara menor”.*

- Pelagem, subdividida em duas subcategorias terciárias: Diversas cores e Pelos finos na crina e cauda. Exemplos de UCEs, respectivamente:

*“As cores variam, tem o pedrês, tem o baio, tem o castanho, tem um bocado de cor, tem o João de barro, tem o preto, amarelo/ O pelo da cauda é fino naturalmente”.*

A segunda subcategoria primária, denominada Caracterização funcional, compreende-se pela caracterização dos animais quanto as suas aptidões e desta forma quanto as suas finalidades. Esta subcategoria primária foi subdividida em seis subcategorias secundárias:

- Resistência, exemplo de UCEs:

*“E eu afirmo pra vocês que é um cavalo que tem muita resistência/ O cavalo Curraleiro aqui pra nós aguenta mais que cavalo de*

*raça/ Aqui pra nós os que aguentam são apenas esses cavalos aí, se trouxer outro tipo de animal eles não aguentam”.*

- Adaptação à região pedregosa e de serra, exemplos de UCEs:

*“Esses quebra pedra que aguentam essas serras aí/ O casco é diferente, é mais resistente à pedra/ Próprio pra andar em serra, pedras, nesses lugares assim”.*

- Bons para trabalho e lida com o gado, exemplo de UCEs:

*“Inclusive são cavalos que agente usa muito no campo pra campear o gado mais longe/ bons de serviço”.*

- Habilidade e agilidade, exemplos de UCEs:

*“O Curraleiro é ligeiro/ são bons de carreira/ às vezes ele não tem a força que o cavalo de raça tem, mas tem a agilidade e a habilidade”.*

- Cavalos bons de maneira geral, exemplos de UCEs:

*“Era um cavalinho muito bom/ É o Curraleirinho da canela seca, bom que só”.*

- Andamento, subdividida em duas subcategorias terciárias: Marchadores e Não marchadores. Exemplos de UCEs, respectivamente:

*“O Curraleiro marcha/ Esses cavalos Curraleiros não são de marcha”.*

A subcategoria primária denominada Temperamento está relacionada ao tipo de comportamento dos cavalos em estudo relatado pelos entrevistados. As UCEs que descreviam animais mais excitáveis e/ou inquietos foram classificadas como pertencentes à subcategoria terciária Sangue quente, e as UCEs que descreviam animais mais calmos e/ou tolerantes foram inseridas dentro da subcategoria terciária Sangue frio. Exemplos de UCEs, respectivamente:

*“O cavalo Curraleiro é mais atentado mesmo/ O meu cunhado tinha um Curraleiro pequeno que era mais frio, não era avexado desse jeito”.*

A última subcategoria primária da categoria 2 foi denominada Características de exclusão. Esta subcategoria contém as características típicas dos cavalos de raça, e que quando presentes no cavalo típico de Goiás o

descaracterizam. Essas características de exclusão corresponderam às nomeações dadas as sete subcategorias secundárias:

- Casco grande e não adaptado, exemplos de UCEs:

*“O animal de raça tem o casco bem mais espalmadão, não aguenta pedra/ O cavalo de raça não aguenta mais é por causa do casco grande, ai nessas pedras aqui eles estrupiam tudo”.*

- Animais sem resistência, exemplos de UCEs:

*“Esses cavalos de raça não aguentam a região não/ Não usamos o cavalo de raça pra trabalhar com o gado, ele não aguenta”.*

- Pescoço desenvolvido, exemplos de UCEs:

*“O de raça tem pescoço longo/ A grossura do pescoço é maior/ O de raça tem pescoço”.*

- Anca grande, exemplos de UCEs:

*“A anca é maior/ Anca desenvolvida”.*

- Animais grandes, exemplos de UCEs:

*“Quando é raça pura fica bem mais graúdo/ Esses outros são uns cavalos desenvolvidos, grandes”.*

- Desconforto, exemplos de UCEs:

*“O Quarto-de-Milha é xotão, ninguém aguenta andar nele/ Agora para trabalho o Quarto-de-Milha é ruim porque o trote dele é mais duro, ele é trotão”.*

- Animais largos, exemplos de UCEs:

*“Os cavalos que não são bons são os muito largos, ai nós deixamos eles só para quando chega alguém como o dono da fazenda e quer andar montado/ O cavalo grosso não cabe no meio da vegetação”.*

### 5.2.1.3 Categoria 3

A Categoria 3 foi nomeada Aspectos históricos e subdividida em três subcategorias primárias: Presença e importância no passado; Dinâmica de formação e comercialização; e Processo de extinção.

QUADRO 3. Sumarização da categoria 3 sobre os aspectos históricos dos equinos Curraleiros e suas respectivas subcategorias.

<b>Categoria 3: Aspectos históricos</b>		
<b>Subcategoria primária</b>	<b>Subcategoria secundária</b>	<b>Subcategoria terciária</b>
Presença e importância no passado	Existência em grande quantidade	
	Uso	Lida e transporte do gado
		Transporte de cargas
		Transporte das pessoas
		Lazer
Dinâmica de formação e comercialização	Origem	Goiás
		Sudeste
	Destino: Mato Grosso	
Processo de extinção	Diminuição na quantidade de cavalos Curraleiros	
	Causas	Substituição por cavalos de raça
		Influência por tendências externas
		Substituição tecnológica
		Mudanças no manejo do gado

A subcategoria primária Presença e importância no passado aglomera as falas dos entrevistados que fazem referência à existência do cavalo goiano no passado bem como seu uso. Emergiram então duas subcategorias secundárias:

- Existência em grande quantidade, referente à abundância de cavalos Curraleiros no passado, exemplos de UCEs:

*“Há 25 anos aqui tinha muito gado e cavalo Curraleiro/ Já teve o tempo que agente criava muito desses cavalos daqui/ Há 30, 40, 50 anos atrás só tinha cavalo Curraleiro, porque na região só tinham fazendeiros daqui mesmo, ai não traziam cavalos de fora”.*

- Uso, subdividida em quatro subcategorias terciárias: Lida e transporte do gado; Transporte de cargas; Transporte das pessoas; Lazer. Exemplos de UCEs, respectivamente:

*“Naquela época tocavam boiada a cavalo porque não tinha estrada/ Agente via muito os burros com carga, os cavalos com carga/ Nós tínhamos que ter tropa porque era o nosso meio de transporte/ Antigamente corria vaquejada nos Curraleiros”.*

Dinâmica de formação e comercialização foi a nomeação dada a segunda subcategoria primária desta categoria 3, a qual foi subdividida em duas subcategorias secundárias:

- Origem, isto é, de onde os animais existentes em Goiás se originaram, dividida em duas subcategorias terciárias, Goiás e Sudeste. Exemplos de UCEs, respectivamente:

*“O Curraleiro eu acho que é daqui mesmo de Goiás/ Eu acho que eles vieram com os paulistas bandeirantes”.*

- Destino: Mato Grosso, que indica a evasão de grande quantidade de cavalos de Goiás para o Mato Grosso como objeto de comercialização interestadual. Exemplos de UCEs:

*“Iam muitos cavalos daqui pro Mato Grosso, e os de lá não podiam vir pra cá porque disse que dentro da água não aguentavam tocar/ Daqui iam tudo pra lá, e o de lá criou resistência, então agora Mato Grosso já exporta tudo e mostra que os cavalos é isso e aquilo outro”.*

A terceira subcategoria primária, Processo de extinção, foi integrada por UCEs que continham algum relato sobre o processo de desaparecimento do cavalo da região, e subdividida em duas subcategorias secundárias:

- Na subcategoria secundária Diminuição na quantidade de cavalos Curraleiros estão contidas as UCEs que mencionam o decréscimo de animais ao longo do tempo. Exemplos de UCEs:

*“Antigamente tinha mais desses cavalos, agora está acabando/ Porque antigamente agente via de 100 a 200 cavalos aqui tudo nativo, e hoje vocês podem ver a diferença”.*

- As causas do processo de extinção estão presentes na subcategoria secundária Causas, subdividida em quatro subcategorias terciárias: Substituição por cavalos de raça; Influência por tendências externas;

Substituição tecnológica; e Mudanças no manejo do gado. Exemplos de UCEs, respectivamente:

*“Ao mesmo tempo em que foi vindo o gado diferente vinham as raças de cavalo diferentes como o Mangalarga e Campolina/ Ai o fazendeiro pobre ouvia falar que o rico tinha uma raça de cavalo boa, que comprou em Formosa, comprou em Goiânia, comprou em Minas, ai todo mundo preferia ter um daquela raça nova/ Nós gastávamos de 10 a 12 horas de cavalo agora eu de moto faço em 1 hora e 10 minutos/ Tinha muito gado bravo na região, gado que via agente e corria, mas hoje não, hoje todo mundo formou e cercou as fazendas”.*

#### 5.2.1.4 Categoria 4

A Categoria 4, Perspectivas de conservação, foi subdividida em cinco categorias primárias: Conscientização do processo de extinção; Valorização dos animais e disposição em conservar; Uso dos cavalos para passeios turísticos na região de Cavalcante; Dificuldades em executar projetos de conservação; e Locais para conservação no município de Cavalcante.

QUADRO 4. Sumarização da categoria 4 sobre as perspectivas de conservação dos equinos Curraleiro e suas respectivas subcategorias.

<b>Categoria 4: Perspectivas de conservação</b>	
<b>Subcategoria primária</b>	<b>Subcategoria secundária</b>
Conscientização do processo de extinção	
Valorização dos animais e disposição em conservá-los	
Uso dos cavalos para passeios turísticos na região de Cavalcante	
Dificuldades em executar projetos de conservação	
Locais para conservação no município de Cavalcante	Entre Cavalcante e o povoado Araí (São Domingos)
	Povoado Araí (São Domingos)

Conscientização do processo de extinção é a primeira subcategoria primária da Categoria 4, e diz respeito ao momento das falas dos entrevistados em que estes expõem a ciência de que o cavalo Curraleiro se encontra em risco eminente de extinção e que este processo poderá se agravar nos próximos anos. Pode ser citado como exemplos das UCEs:

*“Do jeito que vai daqui mais uns anos não vai ter mais nenhum cavalo Curraleiro/ só vai ter cavalo cruzado, igual o gado Curraleiro/ Daqui uns 10 anos não terá mais nenhum cavalo Curraleiro/ Do jeito que vai hoje, que nós estamos vendo, como o progresso vai chegando, modernizando, essa tropa ela automaticamente vai acabar”.*

A segunda subcategoria primária, Valorização dos animais e disposição em conservá-los, revela o entusiasmo dos entrevistados em executar futuros projetos de conservação do cavalo Curraleiro de Goiás e como estes animais são valorizados por eles. Dentre algumas UCEs que compõe esta subcategoria estão:

*“Meu interesse é que um dia meu filho vai falar que seu pai ajudou a preservar estes cavalos/ Se vocês conseguissem isso (criação de um núcleo de cavalos Curraleiros), se nós conseguíssemos isso seria muito bom)/ Acabar com os Curraleiros pra nós é ruim, porque são os que aguentam”.*

Outra subcategoria primária da Categoria 4 foi denominada Uso dos cavalos para passeios turísticos na região de Cavalcante. Esta subcategoria se refere à presença de turistas na região de Cavalcante como incentivo para a conservação de cavalos e captação de recursos. Exemplos de UCEs:

*“Quando vem um grupo pequeno de turistas andar a cavalo agente arruma aí/ O Zé Pedrão, guia turístico, já falou para que eu mantivesse uma pequena tropa para os turistas/ O gado Curraleiro hoje é novidade, você pode crer que lá em casa mesmo quando o pessoal de fora chega lá e vê a bezerrinha Curraleira eles ficam encantados, e assim também pode ser com o cavalo”.*

A subcategoria primária Dificuldades em executar projetos de conservação inclui as UCEs que demonstram alguns dos problemas existentes

nas comunidades quando o assunto é a conservação dos equinos, como por exemplo:

*“Agora precisa ter uma mobilização para deixar os cavalos sadios, cuidar da forma que vocês sempre cuidam dos animais fora/ Agora eu não imagino coisas que para nós tenham muito gasto, mas isso ai depende é de vocês/ Aqui mesmo na zona rural agente ainda não pensou em fazer um grupo de sindicato ou algo para os animais terem assistência, porque não tem incentivo nenhum, não tem nada disso aqui/ Agora no sertão, que é o Vão do Muleque, outra região, tinha que formar um pasto adequado pra os cavalos”.*

Denominada Locais para conservação no município de Cavalcante, a última subcategoria primária desta categoria se refere a prováveis localizações para execução de projetos que visem à conservação do cavalo Curraleiro de Goiás no município de Cavalcante. Duas localizações foram identificadas e correspondem as denominações dadas às duas subcategorias secundárias:

- Entre Cavalcante e o povoado Araí (São Domingo), exemplos de UCEs:

*“Aqui eu já pensei que essa região (entre Cavalcante e Araí) pudesse ter um núcleo de criação de animais/ É um lugar que tem largueza (entre Cavalcante e São Domingos), é um lugar que tem boa pastagem nativa que todo gado e toda criação quer comer, e prova disso vocês estão vendo que os animais estão ai pastando”.*

- Povoado Araí (São Domingos). Exemplos de UCEs:

*“O povoado que nós vamos, que é o São Domingos, lá que era onde podíamos fazer uma concentração desses animais/ São Domingos é um bom lugar para concentrarmos os animais porque lá tem a procedência do povo também, a procedência do povo e da tropa”.*

#### 5.2.1.5 Categoria 5

A Categoria 5 foi denominada Aspectos sanitários e produtivos e subdividida em quatro subcategorias primárias: Possível resistência à anemia

infecciosa equina; Utilização de pastagens nativas; Falhas no manejo alimentar e sanitário dos equinos; e Dificuldade em identificar cavalos Curraleiros não castrados.

QUADRO 5. Sumarização da categoria 5 sobre os aspectos sanitários e produtivos dos equinos Curraleiro e suas respectivas subcategorias.

<b>Categoria 5: Aspectos sanitários e produtivos</b>
<b>Subcategoria primária</b>
Possível resistência à anemia infecciosa equina
Uso de pastagens nativas
Falhas no manejo alimentar e sanitário dos equinos
Dificuldade em identificar cavalos Curraleiros não castrados

A primeira subcategoria primária, Possível resistência à anemia infecciosa equina, contém os momentos do discurso em que os entrevistados relataram que no passado muitos equinos morriam devido à anemia infecciosa equina, porém atualmente os animais parecem ser mais resistentes à doença. Dentre as UCEs inseridas nesta subcategoria podem ser citadas:

*“Se bem que deu uma doença aqui que o povo chamava de cochila, que agente não sabe nem que doença era que os cavalos morriam todos, mas de uns 10 anos pra cá acabou essa doença/ Deve ter matado quase tudo (Anemia) e os que ficaram adquiriram resistência/ Eu acho que esses animais são mais resistentes à anemia infecciosa, porque agente quase não vê animal morrendo de anemia”.*

A subcategoria primária Uso de pastagens nativas mostra a importância das espécies de pastagens nativas da região na alimentação dos animais. Exemplos de UCEs:

*“Porque essa pastagem de agreste é boa, é muito nutritiva, a tropa fica toda sadia/ Esse capim é o agreste, é o capim nativo, é bom pros animais daqui”.*

Falhas no manejo alimentar e sanitário dos equinos é a terceira subcategoria primária da Categoria 5. Esta subcategoria aponta uma falta de cuidados com a alimentação e saúde dos cavalos. Exemplos de UCEs:

*“É magrinho, mas é porque também o dono não engorda/ Aqui ninguém faz exame de nada nos cavalos/ mas o dono não sabe também que o cavalo de raça tem que comer bem pra poder ficar bonito”.*

A subcategoria Dificuldade em identificar cavalos Curraleiros não castrados agrega a importância da castração dos equinos no manejo e utilização dos animais pelos criadores, fato este que torna mais difícil a tarefa de se encontrar estes animais para reprodução. Exemplos de UCEs:

*“Castra porque os animais inteiros atentam muito/ Se atentar demais com 3 anos agente já castra/ Cavalo inteiro mais Curraleirinho aqui vocês quase não vão achar”.*

### **5.3 Quantificação e discussão das categorias e subcategorias**

#### **5.3.1 Categoria 1**

A Categoria 1, subdividida em duas subcategorias primárias, está representada na Tabela 1. Quanto às percepções sobre a existência de um grupo equino, se destacou a denominação Curraleiro, presente em 27,8% das UCEs da subcategoria. O cavalo Curraleiro foi igualmente identificado por SILVA (1908), LLOYD (1913) e GOULART (1964). Perdurando durante a história destes animais e impregnado nos discursos até os dias atuais, a identificação destes animais como cavalos Curraleiros deverá ser citada em qualquer referencia ou tentativa de oficialização do grupo de equinos presentes no Estado de Goiás.

A denominação cavalo Comum também esteve presente nesta subcategoria de maneira considerável (17,7%), e isto provavelmente ocorreu devido à origem destes animais ser a antiga raça Comum (HERMSDORFF, 1956; GOULART, 1964; TORRES & JARDIM, 1979).

TABELA 1. Frequências absolutas e relativas das subcategorias correspondentes à Categoria 1, que se refere a identificação e localização dos equinos Curraleiros no Estado de Goiás.

<b>Categoria 1: Identificação e localização dos equinos</b>						
<b>Subcategoria primária</b>	<b>Subcategoria secundária</b>	<b>Subcategoria terciária</b>	<b>f</b>	<b>% Sub P</b>	<b>% Cat 1</b>	<b>% T Cat</b>
Percepções sobre a existência de um grupo equino	Denominações	Curraleiro	22	27,8	20,2	21,9
		Comum	14	17,7	12,8	
		Pé-duro	8	10,1	7,3	
		Piquira	1	1,3	0,9	
	Contextualização racial	Constituição de um grupo diferenciado	14	17,7	12,8	
		Não é um pônei	6	7,6	5,5	
		Relação com o cavalo Pantaneiro	5	6,3	4,6	
	Não reconhecimento como raça	9	11,4	8,3		
Presença atual dos cavalos nas comunidades	Dificuldade de se encontrar o Curraleiro		16	53,3	14,7	
	Prováveis localizações	Paraná-Araias (Sertão)	5	16,7	4,6	
		Araí (São Domingos)	7	23,3	6,4	
		Nova Roma-laciara	2	6,7	1,8	
<b>Total</b>			109		100	

f - Frequência absoluta de UCEs; % Sub P - Frequência relativa à subcategoria primária; % Cat 1 - Frequência relativa à categoria 1; % T Cat - Frequência relativa ao total das cinco categorias.

Outra denominação presente nos discursos foi Pé-duro, compreendendo 10,1% do total de UCEs da respectiva subcategoria primária. As denominações Curraleiro e Pé-duro também eram imputadas à raça brasileira bovina que teve seu reconhecimento pelo Ministério da Agricultura no ano de 2013, quando passou a ser reconhecida oficialmente como Curraleiro Pé-Duro. Contudo, antes do reconhecimento oficial, estes bovinos eram criados no Estado

de Goiás e reconhecidos de maneira geral apenas como Curraleiros, enquanto que a denominação Pé-duro era mais utilizada no estado do Piauí e em outros estados do nordeste brasileiro (SALLES et al., 2013). Esta raça bovina tem sua história atrelada aos cavalos do Estado de Goiás, e assim como os cavalos, é conhecida de maneira geral pela sua rusticidade. Isso pode explicar a mesma denominação dada às raças das duas espécies, bem como o termo Curraleiro ser predominante em relação ao termo Pé-duro. Segundo MELO et al. (2011), em geral, os criadores e proprietários dos remanescentes do cavalo Nordestino também o denominam de Pé-duro, o que pode indicar algum nível de similaridade entre os animais do nordeste e do Estado de Goiás.

A denominação Piquira esteve presente na primeira subcategoria com apenas uma UCE, porém sabe-se que Piquira é o nome dado a uma raça brasileira de cavalo pônei que se originou a partir de cruzamentos de éguas nacionais de pequeno porte com pôneis Shetland de origem inglesa (COSTA et al., 2000). Dentro do tema contextualização racial, fica evidente que os entrevistados consideram os cavalos Curraleiros dentro de um grupo diferenciado das raças oficialmente reconhecidas (17,7% das UCEs da subcategoria “Percepções sobre a existência de um grupo equino”), inclusive não sendo um cavalo pônei. Contudo, os criadores e conhecedores do Curraleiro parecem estar cientes de que os animais não pertencem a uma raça definitiva e oficial.

Ainda sobre a contextualização racial, certa relação com o cavalo Pantaneiro foi citada (6,3% das UCEs). Esta relação está embasada na origem do cavalo Pantaneiro, que teve em sua formação uma presença inicial dos cavalos paulistas e, posteriormente, dos equinos goianos que também tiveram influência dos cavalos do Sudeste (GOULART, 1964). ABREU et al. (1988) cita a Bandeira de Anhanguera a Goiás trazendo animais da região de Piratininga, e posteriormente a abertura da estrada que ligou Cuiabá a Goiás, iniciada em 1736 e terminada no ano seguinte. Esta estrada aumentou a introdução de bovinos e equinos, oriundos de Goiás, principalmente na região do norte mato-grossense. Os cavalos de Goiás e Mato Grosso parecem mesmo ter certa proximidade histórica, tanto que GOULART (1964) descreveu os animais das duas regiões como cavalos Curraleiros.

Apesar de o cavalo Nordestino não ter sido citado pelos entrevistados como uma raça próxima ao cavalo Curraleiro, segundo SILVA (1908) o cavalo de Goiás talvez tivesse sua distribuição geográfica compreendendo igualmente os sertões interiores dos estados nortistas. O autor cita que esta suposição nasce da fama da existência em todo o litoral do Brasil do chamado cavalo Nortista, e inclusive relata que o cavalo goiano também era conhecido como Sertanejo, mesma denominação dada ao cavalo Nordestino por alguns de seus criadores até os dias atuais. LIMA et al. (2006) citaram a presença de cavalos do nordeste no abastecimento do mercado de animais nos núcleos mineradores de Minas Gerais e Goiás.

Na subcategoria primária Presença atual dos cavalos nas comunidades, a maioria das UCEs (53,3%) foi inserida no contexto da dificuldade de se encontrar o cavalo Curraleiro. Segundo os entrevistados, atualmente os espécimes mais característicos são raros, porém existe a possibilidade destes serem encontrados. A região que compreende os municípios de Nova Roma e Iaciara foi citada como local de provável localização dos animais. Porém as localizações que mereceram maior destaque foram: a região que compreende os municípios de Paranã e Arraias, no Tocantins, também denominada de “sertão” pelos entrevistados; e o povoado de Araí, pertencente ao município de Cavalcante, e também conhecido na região como povoado de São Domingos. Os achados deste estudo são compatíveis com o relato de SILVA (1908), que sugeriu que os espécimes mais característicos deste grupo, que poderiam ser considerados uma raça equina, encontravam-se ou procediam do Vão do Paranã e de todo o norte de Goiás.

Em resumo, no que diz respeito à identificação e localização dos equinos, é importante salientar que a denominação Curraleiro (20,2%), a constituição de um grupo equino diferenciado (12,8%) e a dificuldade de se encontrar esses animais nos dias atuais (14,7%) foram as subcategorias mais prevalentes neste estudo.

### 5.3.2 Categoria 2

No presente estudo, a categoria relacionada à caracterização dos equinos, foi a mais representativa, compreendendo 44,2% do total de UCEs (Tabela 2). Dentro da caracterização morfológica destacou-se a descrição do porte dos animais, sendo estes de pequeno a médio porte (50,0%). O porte dos cavalos Curraleiros relatados no presente estudo se assemelha a esta mesma característica relatada por GOULART (1964). O autor descreveu que estes animais não se distinguem pela estatura, que no máximo atingiam o porte médio dos cavalos nacionais. LLOYD (1913) também descreveu o cavalo Curraleiro como um animal pequeno. MELO et al. (2011) também classificaram os cavalos Nordestinos como animais de pequeno porte, e discutiram que tal fato pode ser explicado pelo acasalamento entre animais consanguíneos e as condições de manejo alimentar deficitárias a que os animais eram submetidos. Os entrevistados comentaram que os animais menores facilitam o trabalho no meio da vegetação densa de Cerrado.

Os entrevistados no presente estudo descreveram o casco dos cavalos Curraleiros como um casco pequeno e naturalmente inclinado, denominado pelos entrevistados de “casco de burro” (10,9 % das UCEs da subcategoria). Esta denominação também foi relatada por MELO et al. (2011) para descrever o casco dos cavalos Nordestinos em relação ao discurso de seus criadores. MARKS (2000) citou que um casco com inclinação maior que 61° caracterizaria uma condição anormal denominada *club foot* ou casco encastelado. Esta condição poderia acarretar a sobrecarga de pinça, artrite da coluna, ossificação das cartilagens alar, osteíte podal, esclerose do navicular e contratura de talões em equinos. Contudo, apesar do relato de uma inclinação descrita nos cascos dos equinos Curraleiros, objetos deste estudo, nenhuma alteração patológica concomitante foi relatada pelos entrevistados. Ao contrário de uma condição anormal, a morfologia dos cascos do cavalo Curraleiro foi descrita como uma adaptação ao seu habitat, e será descrita quanto à sua funcionalidade na próxima subcategoria primária.

TABELA 2. Frequências absolutas e relativas das subcategorias correspondentes à Categoria 2, que se refere a caracterização dos equinos Curraleiros no Estado de Goiás.

<b>Categoria 2: Caracterização dos equinos</b>						
<b>Subcategoria primária</b>	<b>Subcategoria secundária</b>	<b>Subcategoria terciária</b>	<b>f</b>	<b>% Sub P</b>	<b>% Cat 2</b>	<b>% T Cat</b>
Caracterização morfológica	Pequeno a médio porte		46	50,0	20,9	44,2
	Cascos pequenos e inclinados ("Cascos de burro")		10	10,9	4,5	
	Anca curta e caída (Anca de porco)		10	10,9	4,5	
	Orelha pequena		8	8,7	3,6	
	Pelagem	Diversas cores	9	9,8	4,1	
		Pelos finos na crina e cauda	3	3,2	1,4	
	Pelos na região da quartela e boleto		4	4,3	1,8	
	Cabeça pequena		2	2,2	0,9	
Caracterização Funcional	Resistência		24	29,6	10,9	
	Adaptação à região pedregosa e de serra		14	17,3	6,4	
	Bons para trabalho e lida com o gado		13	16,0	5,9	
	Habilidade e agilidade		15	18,5	6,8	
	Cavalos bons de maneira geral		4	4,9	1,8	
	Andadura	Marchadores	5	6,2	2,3	
Não marchadores		6	7,4	2,7		
Temperamento	"Sangue quente"		10	83,3	4,5	
	"Sangue frio"		2	16,7	0,9	
Características de exclusão	Casco grande e não adaptado à região de pedras		9	25,7	4,1	
	Animais sem resistências		9	25,7	4,1	
	Pescoço desenvolvido		3	8,6	1,4	
	Anca grande		3	8,6	1,4	
	Animais de grande porte		4	11,4	1,8	
	Desconforto		3	8,6	1,4	
	Animais largos		4	11,4	1,8	
<b>Total</b>			220		100	

f - Frequência absoluta de UCEs; % Sub P - Frequência relativa à subcategoria primária; % Cat 2 - Frequência relativa à categoria 2; % T Cat - Frequência relativa ao total das cinco categorias.

Morfologicamente, o cavalo Curraleiro foi caracterizado também por sua anca peculiar, relatada em 10,9% das UCEs desta subcategoria. Foi descrita uma anca curta e caída, denominada “anca de porco”. Quanto a pelagem, 3,2% das UCEs continham relatos de pelos finos na crina e cauda, e 9,8% indicavam diversas cores do conjunto formado por pele, pelos, crina e cauda, como: castanho, alazão, baio, preto e variações de tordilho. Foram descritas ainda orelhas pequenas (8,7%) e, com menor frequência, alguns entrevistados citaram a presença de pelos na região da quartela e boleto (4,3%) e a cabeça de tamanho pequeno (2,2%).

Em relação à caracterização funcional, destacou-se a resistência dos animais que apareceu em 29,6% do total de UCEs da subcategoria. Segundo os entrevistados, esta característica estaria relacionada, principalmente, ao fato dos cavalos Curraleiros suportarem longas jornadas de trabalho, mas também teria relação com a resistência a doenças. Segundo GOULART (1964), os Curraleiros de Goiás seriam o ideal da perfeição quanto à resistência ao trabalho e rusticidade, e eram excelentes pela rigidez de seus músculos e resistência a toda prova. LLOYD (1913) citou que, apesar do tipo pequeno, o cavalo Curraleiro de Goiás era afamado por sua resistência. As raças equinas brasileiras que surgiram a partir da evolução natural de seus ancestrais são frequentemente objetos de estudos por apresentarem características de resistência e rusticidade. Nesta situação destacam-se os cavalos Pantaneiro, Crioulo, Campeiro, Nordestino, Baixadeiro, Lavradeiro, Marajoara e Puruca (MARQUES et al., 2001; SANTOS et al., 2003; EMBRAPA, 2010; MELO et al., 2011; SILVA et al., 2012; AMARAL et al., 2013; SOLANO et al., 2013).

A adaptação à região pedregosa e de serra, citada em 17,3% das UCEs da respectiva subcategoria, diz respeito à maneira como os cascos destes animais evoluíram e se adaptaram a este tipo de solo. Para os criadores do cavalo Curraleiro, apenas os cascos pequenos e fortes destes animais seriam capazes de resistir ao solo da região. A descrição de cascos adaptados não é exclusividade dos cavalos de Goiás. Os cavalos Nordestinos e Lavradeiros também foram descritos como possuidores de cascos pequenos e resistentes (MCMANUS et al., 2010b; MELO et al., 2011). SANTOS et al. (2003) descreveram

a habilidade desenvolvida pelo cavalo Pantaneiro de pastar em áreas submersas, adquirindo assim cascos resistentes que suportam terrenos alagadiços durante meses, e que normalmente pode causar problemas nos cascos em animais de outras raças, como a podridão de ranilha.

Cerca de 18,5% das UCEs que compuseram a subcategoria de caracterização funcional estavam relacionadas à habilidade e a agilidade do cavalo Curraleiro. Estas características, além de indicarem um animal bom de rédea e rápido, estão intimamente ligadas ao trabalho e lida com o gado (16,0%). Os criadores e conhecedores destes cavalos utilizaram em diversas UCEs a expressão “bons de carreira”, em alusão à agilidade desses animais, sendo o ideal para o trabalho com o gado em campos abertos. Segundo GOULART (1964), o Curraleiro era bem conformado e notável pela sua agilidade. Outra característica relacionada ao cavalo Curraleiro como um bom instrumento de trabalho seria a sua resistência e adaptação, comentados anteriormente. Ainda com relação à funcionalidade dos cavalos, algumas UCEs presentes nesta subcategoria (4,9%) continham informações que descreviam o cavalo Curraleiro como cavalos bons de maneira geral.

Na tentativa de descrever os cavalos sobre seus aspectos funcionais, a andadura parece ser um assunto que diverge entre os entrevistados, sendo citados animais marchadores e não marchadores praticamente na mesma proporção de UCEs (6,2% e 7,4% respectivamente). Esta observação se deve, principalmente, a existência de cavalos goianos que podem ser classificados dentro dos dois tipos de andaduras, e pode ser explicado mediante evidências da origem desses animais. Com o fluxo de cavalos do Nordeste e Sudeste do país, em diferentes épocas, certamente animais com os dois tipos de andadura chegaram ao Estado de Goiás (ABREU et al., 1988; LIMA et al., 2006).

A maioria dos entrevistados relatou que os cavalos Curraleiros seriam animais de temperamento inquieto e enérgico, compatíveis com características de cavalos classificados como de “sangue quente” (83,3%).

A última subcategoria primária da Categoria 2 revelou as características não desejáveis ao cavalo Curraleiro. Cascos grandes e não adaptados à região de pedras e animais sem resistência se destacaram nesta

subcategoria com 25,7% cada. Foram citadas ainda, como características de exclusão, o pescoço desenvolvido e a anca grande. Adicionalmente, animais de grande porte e largos não caracterizam o cavalo Curraleiro.

Em uma análise que considera as frequências relativas à Categoria 2, as características mais importantes para se reconhecer o cavalo Curraleiro seriam um porte de pequeno a médio (20,9%) e animais resistentes (10,9%). Considerando-se que a subcategoria adaptação à região pedregosa e de serra caracteriza os cascos dos equinos (6,4%), pode-se somar esta parcela a subcategoria cascos pequenos e inclinados (“cascos de burro”) que representa 4,5% da categoria. Assim, a caracterização dos cascos se tornaria umas das mais importantes avaliações na tentativa de se identificar o cavalo Curraleiro (10,9%). Na Figura 4 podem ser observadas algumas das principais características descritas pelos entrevistados ao cavalo Curraleiro.



Figura 4. Características do cavalo Curraleiro descritas pelos entrevistados: A e B - cavalos morfologicamente semelhantes aos descritos nas entrevistas, principalmente pelo porte pequeno a médio, “anca de porco” bem caracterizada principalmente no cavalo A, “cascos de burro” característicos principalmente no cavalo B; C - Cavalo pequeno, cascos pequenos, e, segundo seu criador, ideal para o trabalho diário devido sua resistência; D - Animal em ambiente de muitas pedras. Situação comumente observada nas microrregiões da Chapada dos Veadeiros e do Vão do Paranã no Estado de Goiás.

### 5.3.3 Categoria 3

A Categoria 3 (Tabela 3) foi a segunda com o maior número de UCEs neste estudo (23,5%). Na subcategoria primária “Presença e importância no passado”, ficou evidente que o cavalo Curraleiro existia em grande quantidade em tempos passados (40,0 %). Estes animais eram utilizados principalmente na lida e transporte do gado e no transporte das pessoas, servindo também para transportar cargas e, com menor frequência, usados para o lazer.

TABELA 3. Frequências absolutas e relativas das subcategorias correspondentes à Categoria 3, que se refere aos aspectos históricos dos equinos Curraleiros no Estado de Goiás.

<b>Categoria 3: Aspectos históricos</b>						
<b>Subcategoria primária</b>	<b>Subcategoria secundária</b>	<b>Subcategoria terciária</b>	<b>f</b>	<b>% Sub P</b>	<b>% Cat 3</b>	<b>% T Cat</b>
Presença e importância no passado	Existência em grande quantidade		12	40,0	10,3	23,5
	Uso	Lida e transporte do gado	7	23,3	6,0	
		Transporte de cargas	3	10,0	2,5	
		Transporte das pessoas	7	23,3	6,0	
		Lazer	1	3,3	0,9	
Dinâmica de formação e comercialização	Origem	Goiás	2	28,6	1,7	
		Sudeste	2	28,6	1,7	
	Destino: Mato Grosso		3	42,8	2,5	
Processo de extinção	Diminuição na quantidade de cavalos Curraleiros		16	20,0	13,7	
	Causas	Substituição por cavalos de raça	36	45,0	30,8	
		Influência por tendências externas	7	8,7	6,0	
		Substituição tecnológica	18	22,5	15,4	
		Mudanças no manejo do gado	3	3,8	2,5	
<b>Total</b>			<b>117</b>		<b>100</b>	

f - Frequência absoluta de UCEs; % Sub P - Frequência relativa à subcategoria primária; % Cat 3 - Frequência relativa à categoria 3; % T Cat - Frequência relativa ao total das cinco categorias.

Com relação à Dinâmica de Formação e Comercialização dos Cavalos, 28,6% dos entrevistados afirmaram que o Curraleiro se originou no próprio Estado de Goiás. Esta afirmação provavelmente se baseia no fato da chegada dos equinos em Goiás ter ocorrido a partir da primeira metade do século XVIII, e os entrevistados conhecerem apenas a história mais recente desses animais. Na

mesma proporção (28,6%), foi relatada a chegada de cavalos do sudeste em Goiás, corroborando com os relatos de GOULART (1964), ABREU et al. (1988) e LIMA et al. (2006). Além de animais paulistas, uma das UCEs da subcategoria “Sudeste” revelou que ocorria a compra direta de cavalos Curraleiros do município de Paracatu, Minas Gerais. Com relação ao destino de comercialização destes animais, foi citada a evasão de cavalos para o Estado do Mato Grosso, reafirmando a hipótese da contribuição de alguns cavalos Curraleiros de Goiás na formação do cavalo Pantaneiro.

Na subcategoria primária Processo de extinção, os entrevistados relataram que o número de cavalos Curraleiros estaria diminuindo ao longo do tempo (20,0%). Dentre as causas deste processo de extinção, destacou-se a substituição por cavalos de raças oficialmente reconhecidas (45,0%), principalmente Mangalarga, Mangalarga Marchador, Campolina e Quarto-de-Milha. Outra causa citada, e que parece estar diretamente relacionada com a primeira, foi o impacto das influências por tendências externas (8,7%), caracterizadas em algumas UCEs pela expressão “*o povo acha que é bom aquilo que vem de fora*”.

A substituição do material genético local por variedades modernas ou oficializadas foram descritas como a principal causa de ameaça de extinção durante a história da formação das raças equinas locais brasileiras. No final do século XIX, a raça Crioula caminhou a largos passos para o estado de variação desordenada devido, principalmente, aos cruzamentos sem orientação com garanhões Puro Sangue Inglês, Árabes, Andaluzes, Anglo-Árabes entre outros (GOULART, 1964). Na história do cavalo Pantaneiro, houve momentos de grandes riscos de extinção, principalmente por volta do ano 1900, quando foram iniciados os cruzamentos indiscriminados com raças exóticas como o Árabe e o Puro-Sangue Inglês (SANTOS et al., 1995). O processo de diluição genética ao longo dos anos também foi marcante na história do cavalo Lavradeiro. Após 1930, cruzamentos com outras raças, e desta forma uma mestiçagem dos cavalos de Roraima, ocorreram com maior intensidade, inicialmente com a introdução do Mangalarga na região. De 1930 a 1960, predominaram os cruzamentos dos Lavradeiros com Mangalarga e Campolina. Posteriormente, até a metade da

década de 70, foi mais acentuada a introdução de cruzamentos com Puro Sangue Inglês, e daí até os dias atuais vêm predominando o Quarto de Milha com os cavalos Lavradeiros (BRAGA, 2000).

Nos casos do cavalo Crioulo e do cavalo Pantaneiro, o risco de extinção foi sucedido por um alerta dos criadores, o que culminou na criação das respectivas associações nacionais de criadores visando à proteção dessas raças. Por outro lado, desde 1936, iniciativas que objetivem organizar a criação e proteger o cavalo Nordestino vem sendo tomadas. No período de 1975 a 1983, existiram 58 núcleos de criação e preservação do cavalo Nordestino, distribuídos na Bahia, Goiás, Maranhão, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Sergipe, estados com um núcleo cada; Piauí, Rio Grande do Norte e Rio de Janeiro com quatro núcleos por estado; e Pernambuco com 40 núcleos, destacando-se dos demais estados. Contudo, fatores como a desativação da Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Nordestinos nos anos 90 do século XX, e o cruzamento desordenado de éguas Nordestinas com garanhões de outras raças, como a Quarto de Milha, para produção de animais para vaquejada e trabalho, contribuíram para a erosão genética e ameaça de extinção da raça (HERMSDORFF, 1956; MELO, 2011).

Com relação ao cavalo Curraleiro de Goiás, a substituição tecnológica foi a segunda causa mais citada do processo de diminuição na quantidade de cavalos no estado (22,5%). O uso de automóveis, principalmente de motocicletas, têm substituído os cavalos em suas funções diárias de transporte e até mesmo na lida dos rebanhos. A mudança no manejo do gado também foi relatada como fator que vem acarretando redução na demanda de uso do cavalo e, conseqüentemente, diminuição de seu efetivo populacional. Segundo os entrevistados, diferentemente do que pode ser observado nos dias atuais, as fazendas apresentavam grandes extensões não cercadas, e o gado era criado solto no campo. Assim, demandava-se um número maior de cavalos para o manejo dos rebanhos.

No presente estudo, na categoria que se relaciona com os aspectos históricos do cavalo Curraleiro em Goiás, evidenciou-se relatos de uma manada abundante no passado (10,3%), e a diminuição do efetivo ao longo dos anos

(13,7%). As principais causas deste processo de extinção podem ser atribuídas à substituição dos cavalos locais por raças oficiais (30,8%), o que promove a erosão genética por cruzamentos, e a substituição tecnológica (15,4%), principalmente por automóveis, que diminui a demanda local pelo animal.

#### 5.3.4 Categoria 4

Na categoria referente às perspectivas de conservação (Tabela 4), se destacaram a valorização dos animais e a disposição em conservá-los por parte dos entrevistados (31,0%), e a criação de núcleos de conservação (31,0%). Neste sentido, os criadores ressaltaram a importância do cavalo Curraleiro no cenário local, principalmente, a impossibilidade de substituí-lo no dia-a-dia de trabalho no campo se a extinção destes equinos se concretizar. A adaptação específica aos locais onde os equinos de raças brasileiras evoluíram e a importância em conservá-los, principalmente para exercer tarefas de trabalho no campo, vêm sendo constantemente relatadas (SANTOS et al., 2003; MCMANUS et al., 2010a; MCMANUS et al., 2010b; SOLANO et al., 2013). A implementação de núcleos de criação de cavalos Curraleiros foi discutida pelos entrevistados, que sugeriram dois locais adequados para a execução de projetos desta natureza: o povoado de Araí, também conhecido como São Domingos, e locais de pastagens nativas entre o povoado de Araí e o município de Cavalcante.

Nas UCEs desta categoria, que continha informações relacionadas à conscientização dos entrevistados sobre o risco de extinção do cavalo Curraleiro, esta percepção apareceu em 13,8% da Categoria 4. Segundo as pessoas entrevistadas, este equino poderá ser extinto nos próximos 10 anos. Relacionado a futuros projetos de conservação, o uso dos cavalos Curraleiros para passeios turísticos na região de Cavalcante foi debatido em 17,2% das UCEs desta categoria. O cavalo típico da região poderá vir a ser instrumento de captação de recursos para os proprietários locais e desta maneira valorizar os próprios animais. No entanto, o turismo na região necessita de incentivos para além do contexto das ciências animais.

TABELA 4. Frequências absolutas e relativas das subcategorias correspondentes à Categoria 4, que se refere as perspectivas de conservação dos equinos Curraleiros no Estado de Goiás.

<b>Categoria 4: Perspectivas de conservação</b>					
<b>Subcategoria Primária</b>	<b>Subcategoria Secundária</b>	<b>f</b>	<b>% Sub P</b>	<b>% Cat 4</b>	<b>% T Cat</b>
Conscientização do processo de extinção		4	-	13,8	5,8
Valorização dos animais e disposição em conserva-los		9	-	31,0	
Utilização dos cavalos para passeios turísticos na região de Cavalcante		5	-	17,2	
Dificuldades em executar projetos de conservação		2	-	6,9	
Criação de núcleos de conservação	Entre Cavalcante e o povoado Araí (São Domingos)	7	77,8	24,1	
	Povoado Araí (São Domingos)	2	22,2	6,9	
<b>Total</b>		29	100	100	

f - Frequência absoluta de UCEs; % Sub P - Frequência relativa à subcategoria primária; % Cat 4 - Frequência relativa à categoria 4; % T Cat - Frequência relativa ao total das cinco categorias.

As dificuldades em executar projetos de conservação foram tema de 6,9% das UCEs da Categoria 4. Os criadores relataram que nunca pensaram em criar uma associação cível que concentrasse os proprietários do cavalo Curraleiro devido à falta de incentivo para a criação destes animais. Projetos que possam ser muito dispendiosos para os criadores foram descartados por eles, evidenciando o perfil de proprietários de equinos de baixa renda na região, pelo qual os cavalos têm que ser tratados como fontes de renda, e não como fontes de gastos.

Concluindo a discussão sobre as perspectivas de conservação, foi possível observar que as pessoas que conhecem o cavalo Curraleiro lhe conferem um valor por sua importância no dia-a-dia de trabalho no campo. Os entrevistados se mostraram entusiasmados com a possibilidade de conservar este recurso genético e, inclusive, indicaram locais e possíveis maneiras de se implementar projetos de conservação na região.

### 5.3.5 Categoria 5

A Categoria 5 se refere aos Aspectos Sanitários e Produtivos dos equinos Curraleiros (Tabela 5). O uso de pastagens nativas foi citado em 34,8% das UCEs que compuseram a categoria. Os entrevistados relataram que o capim agreste (*Trachypogon spicatus*) presente no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga confere uma pastagem adequada para a alimentação dos cavalos da região. Segundo MOURA et al. (2011), esta espécie de gramínea pode ser encontrada nas áreas de Cerrado com pastagens nativas da região nordeste do Estado de Goiás. Estes autores descreveram que o capim agreste foi utilizado na reintrodução do bovino Curraleiro Pé-Duro no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga. Apesar da presença de pastagens nativas, que podem ser aproveitadas na alimentação dos equinos em determinadas localizações do município de Cavalcante, GO, foi relatada a falta de forragens ideais para os cavalos em alguns locais do mesmo município, como no Vão do Muleque.

TABELA 5. Frequências absolutas e relativas das subcategorias correspondentes à Categoria 5, que se refere aos aspectos sanitários e produtivos dos equinos Curraleiros no Estado de Goiás.

<b>Categoria 5: Aspectos sanitários e produtivos</b>			
<b>Subcategoria primária</b>	<b>f</b>	<b>% Cat 5</b>	<b>% T Cat</b>
Uso de pastagens nativas	8	34,8	4,6
Possível resistência à Anemia Infecciosa Equina	7	30,4	
Falhas no manejo alimentar e sanitário dos equinos	4	17,4	
Dificuldade em identificar cavalos Curraleiros não castrados	4	17,4	
<b>Total</b>	<b>23</b>	<b>100</b>	

f - Frequência absoluta de UCEs; % Cat 5 - Frequência relativa à categoria 5; % T Cat - Frequência relativa ao total das cinco categorias.

O cavalo Curraleiro foi descrito por alguns entrevistados como um animal resistente à Anemia Infecciosa Equina (AIE) (30,4%). Segundo os relatos, no passado morriam muitos equinos com AIE, o que nos dias atuais não é observado com a mesma frequência. Portanto, pôde-se inferir dos discursos dos

criadores dos criadores que os cavalos Curraleiros atuais daquela região sejam produtos de uma seleção natural de animais resistentes a AIE. Segundo MCMANUS et al. (2010b), a AIE também sempre foi um desafio para a sobrevivência dos cavalos Lavradeiros, cuja incidência em populações estudadas chega a 50%. Porém, a maioria dos cavalos Lavradeiros afetados pela doença não manifestam os sinais típicos, o que mostra certo nível de resistência da raça à AIE.

Os cavalos Pantaneiros e seus mestiços também têm mostrado resistência à AIE, não apresentando os sinais clínicos da doença e continuando a trabalhar normalmente. No entanto, autores como BODÓ (1990) têm considerado perigoso selecionar populações resistentes à doenças infecciosas, pois, além do risco de destruir toda a população, em alguns casos, há zoonoses e há também um perigo permanente de infectar outros animais domésticos e silvestres. A alta prevalência de AIE encontrada na região do Pantanal inviabiliza o sacrifício de animais positivos, pois compromete significativamente a atividade pecuária da região. Uma alternativa que vem sendo usada é a segregação dos animais positivos (SANTOS et al., 2003).

As falhas no manejo alimentar e sanitário dos equinos foram citadas em 17,4% das UCEs da Categoria 5. A alimentação inadequada, principalmente em épocas do ano quando as pastagens têm valores nutritivos menores devido à falta de chuvas, foi tema recorrente desta subcategoria primária, sendo a causa da existência de diversos equinos em estado de subnutrição nos municípios de Cavalcante, Nova Roma e Iaciara. Mais uma vez evidencia-se que o perfil dos criadores de cavalos Curraleiros naquelas regiões são pessoas de baixa renda e sem condições de oferecerem alimentação adequada que não seja a própria pastagem disponível aos animais. Os entrevistados admitiram ser necessário ajuda especializada e incentivo oficial para orientar a criação nos aspectos sanitários e produtivos, pois eles não detêm conhecimentos necessários para um manejo ideal em suas propriedades.

Devido ao temperamento dos equinos Curraleiros, a castração dos cavalos é realizada em média quando os animais estão com idade entre três e quatro anos, segundo os criadores, existindo a possibilidade de ser realizada

antes se o animal for muito inquieto. Este tipo de manejo torna mais difícil a tarefa de encontrar cavalos Curraleiros inteiros para a reprodução.

## 6. CONCLUSÃO

O cavalo local encontrado no Estado de Goiás foi denominado Curraleiro, na maioria das entrevistas. Apesar de escassos, ainda é possível localizar alguns indivíduos, agrupá-los segundo características comuns e específicas, e diferenciá-los das raças equinas reconhecidas no Brasil.

A resistência ao trabalho e às condições ambientais, o porte que vai de pequeno a médio, e os cascos pequenos, inclinados e adaptados ao solo da região foram as principais características que surgiram na tentativa de se descrever o cavalo Curraleiro. Segundo o conteúdo presente nos discursos, o efetivo populacional está diminuindo ao longo dos anos, e as principais causas têm sido a erosão genética e a substituição dos cavalos por automóveis.

A importância do cavalo Curraleiro para os criadores e, conseqüentemente, para as comunidades onde estão inseridos ficou evidente neste estudo. O cavalo Curraleiro poderá resgatar o valor de um produto animal de origem regional onde está presente, servindo assim como instrumento de resgate cultural e desenvolvimento local.

A metodologia de análise de conteúdo do discurso se mostrou eficaz como um método auxiliar nas etapas de identificação e caracterização de um potencial recurso genético animal.

## REFERÊNCIAS

1. ABREU, U. G. P.; MAZZA, M. C. M.; BARROS FILHO, M.; SERENO, J. R. B.; SILVA, R. A. M. S. Avaliação, caracterização e conservação do cavalo pantaneiro no pantanal mato-grossense. **Pesquisa em andamento**, Corumbá, n. 9, p. 1-8, 1988.
2. AMARAL, L. A.; TORRES, A.; RABASSA, V.; MARTINS, C. F.; CORREA, M. N.; NOGUEIRA, C. E. W. Limiar anaeróbico (V4) e frequência cardíaca de cavalos Crioulos condicionados para prova funcional. *Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia*, Belo Horizonte, v. 65, n. 1, p. 181-188, 2013.
3. BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. ed.3. p.223. Lisboa: Edições 70, 2004.
4. BECK, S. L. Equinocultura brasileira. **Equinos no Brasil**, Uberaba, n. 51, p. 4-10, 1982.
5. BODÓ, I. Methods and experiences with *in situ* preservation of farm animals. **Animal Genetic Resources**, Roma, p.85-102, 1990.
6. BRAGA, R. M. **Cavalo Lavradeiro em Roraima**. Aspectos históricos, ecológicos e de conservação. Brasília: Embrapa comunicação para transferência de tecnologia, 2000. 119p.
7. CASTAÑEDA, L. A. As ideias de herança de Darwin: suas explicações e sua importância. **Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência**, São Paulo, n. 11, p. 67-73, 1994.
8. COSTA, M. D.; BERGMANN, J. A. G.; REZENDE, A. S. C. Estrutura populacional e coeficiente de endogamia do pônei da raça piquira. **Anais do III Simpósio Nacional de Melhoramento Animal**, Belo Horizonte: UFMG, p. 477-479, 2000.

9. EGITO, A.A.; MARIANTE, A.S.; ALBUQUERQUE, M.S.M. Programa Brasileiro de Conservação de Recursos Genéticos. **Archivos de Zootecnia**, Córdoba, v. 51, n. 193, p. 39-52, 2002.
10. EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. **Pesquisa investe na conservação do cavalo Lavradeiro em Roraima**, online, 2010. Disponível em: [www.embrapa.br/imprensa/noticias/2010/fevereiro](http://www.embrapa.br/imprensa/noticias/2010/fevereiro). Acessado em 27 de janeiro de 2014.
11. FAO - Food and Agriculture Organization of the United Nations. **Situação mundial dos recursos genéticos animais para agricultura e alimentação – versão resumida**. COMISSÃO DE RECURSOS GENÉTICOS PARA AGRICULTURA E ALIMENTAÇÃO ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA AGRICULTURA E ALIMENTAÇÃO. Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia Brasília, 2010. 42p.
12. FAO - Food and Agriculture Organization of the United Nations. **The state of the world's animal genetic resources for food and agriculture**, Italy, 2007. 512p.
13. GIACOMONI, E. H. **Estudo da variabilidade genética em quatro raças brasileiras de cavalos (*Equus caballus* - equidade) utilizando marcadores microssatélites**. 2007. 96p. Tese (Doutorado em Genética e Biologia Molecular) – Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
14. GORDO, J. M. L.; SILVA, M. C. **Possibilidades da utilização do método da análise de conteúdo no estudo da adoção da inseminação artificial em bovinos**. 2010. 18f. Documento apresentado junto à equipe de pesquisa do Laboratório de Reprodução Animal e Departamento de Comunicação e Negócios da Embrapa Cerrados, Brasília.

15. GORDO, J. M. L.; SILVA, M. C.; SOLANO, G. A.; LOPES, F. B.; COSTA, M. F. O.; ROCHA, F. E. C.; FIORAVANTI, M. C. S.; SERENO, J. R. B. S. Cattle farmers: profile and speech content analysis while undergoing training to adopt artificial insemination in Goiás State, Brazil. **Revista Brasileira de Zootecnia**, Viçosa, v. 42, n. 3, p.162-167, 2013.
16. GOULART, J. A. **O cavalo na formação do Brasil**. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1964. 249p.
17. HERMSDORFF, G. E. **Zootecnia especial**, tomo i: equídeos. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1956. 626p.
18. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-IBGE. **Produção da pecuária municipal**, Rio de Janeiro, v. 38, p.1-65, 2010.
19. LIMA, R. A. S.; SHIROTA, R.; BARROS, G. S. C. **Estudo do complexo do agronegócio cavalo**. Centro de estudos avançados em economia aplicada/ESALQ/USP, Piracicaba, 2006. 250 p.
20. LLOYD, R.; FELDWICK, W.; DELANEY, L. T.; EULALIO, J.; WRIGHT, A. **Impressões do Brasil no século vinte**. Sua História, seu povo, comércio, indústrias e recursos. Londres: Lloyd's Greater Britain Publishing Company Ltd., 1913. 1.080p.
21. LUÍS, C.; SILVEIRA, C. B.; COTHRAN, E. G.; OOM, M. M. Iberian origins of new world horse breeds. **Journal of Heredity**, Washington, v. 97, n. 2, p.107–113, 2006.
22. MARIANTE, A. S., McMANUS, C., MENDONÇA, J. F. **Country report on the state of animal genetic resources: Brazil**. Documents / Embrapa Genetic Resources and Biotechnology. P. 34-36. 2003.

23. MARIANTE, A. S.; ALBUQUERQUE, M. S. M.; EGITO, A. A.; McMANUS, C.; LOPES, M. A.; PAIVA, S. R. Present status of the conservation of livestock genetic resources in Brazil. **Livestock Science**, Amsterdam, v.120, p. 204-212, 2009.
24. MARKS, D. Conformation and Soundness. **Proceedings of the Annual Convention of the American Association of Equine Practitioners**, San Antonio, v. 46, p. 39-45, 2000.
25. MARQUES, J. R. F.; COSTA, M. R.; SILVA, A. O. A. Banco de Recursos Genéticos Animais. **Biotecnologia Ciência e Desenvolvimento**, Brasília, n. 21, p. 32-39, 2001.
26. McMANUS, C.; MARQUES, J. R. F.; PAIVA, S.; SEIXAS, L. Cavalos Marajoara e Puruca. INCT: Informação Genético Sanitária da Pecuária Brasileira, **Série Técnica: Genética**, 2010a. Disponível em: [www.animal.unb.br](http://www.animal.unb.br). Acessado em 03 de fevereiro de 2014.
27. McMANUS, C.; GOULART, H. M.; SEIXAS, L.; BRAGA, R. Cavalo Lavradeiro. INCT: Informação Genético Sanitária da Pecuária Brasileira, **Série Técnica: Genética**, 2010b. Disponível em: [www.animal.unb.br](http://www.animal.unb.br). Acessado em 10 de fevereiro de 2014.
28. MELO, J. B. **Caracterização zoométrica do remanescente da raça equina Nordestina nos estados de Pernambuco e Piauí**. 2011. 99f. Tese (Programa de Doutorado Integrado em Zootecnia) – Departamento de Zootecnia, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.
29. MELO, J. B.; PIRES, D. A. F.; RIBEIRO, M. N.; SANTOS, D. O.; SILVA, H. G. O. Estudo zoométrico de remanescentes da raça equina Nordestina no município de Floresta, Pernambuco - Brasil. **Actas Iberoamericanas de Conservación Animal**, Córdoba, v. 1, p. 71-74, 2011.

30. MOURA, M. L.; TORRES, T. F.; MONTEIRO, E. P.; NEIVA, A. C. G. R.; CARDOSO, W. S.; FIORAVANTI, M. C. S. Evolução de um rebanho de bovinos Curraleiro reintroduzido em cerrado nativo na região nordeste do estado de Goiás, Brasil. **Actas Iberoamericanas de Conservación Animal**, Córdoba, p. 123-126, 2011.
31. NEVES, A. S. **Primeira conferencia nacional de pecuária**. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Comercio e Obras Publicas, 1918. 141p.
32. PESSOA FILHO, N. **Larousse dos cavalos**. São Paulo: Larousse, 2006. 287p.
33. REINERT, M. **Un logiciel d'analyse lexicale**. Les cahiers de l'Analyse des Données, v. 11, n. 4, p. 471-481, 1986.
34. ROCHA, F. E. C.; ALBUQUERQUE, F. J. B.; MARCELINO, M. Q. S.; DIAS, M. R.; PINHEIRO, J. Q. Aplicação da Análise de Conteúdo na Perspectiva de Bardin em uma Aproximação Avaliativa do Pronaf – PB. **Documentos**, Planaltina, n. 201, 2008.
35. ROCHA, F. E. C.; MARCELINO, M. Q. S. Pesquisa qualitativa: uma proposta metodológica desenvolvida no contexto da avaliação de necessidades tecnológicas. In: PASQUALI, L. **Delineamento de pesquisa em ciência**. v. 1, cap. 7. A lógica da pesquisa científica. Brasília: LabPAM Saber e Tecnologia, 2013. No prelo.
36. SALLES, P. A.; BARBOSA, V. V.; WELLER, C. M. M.; MEDEIROS, G. R. Estado atual de conservação da raça bovina Curraleiro Pé-Duro na região nordeste brasileira. Documentos técnicos, INSA, Campina Grande, n. 3, 2013.
37. SANTOS, S. A.; MAZZA, M. C. M.; SERENO, J. R. B.; ABREU, U. G. P.; SILVA, J. A. Avaliação e conservação do cavalo Pantaneiro. **Circular técnica**, Corumbá, Embrapa, n. 21, 1995. 40p.

38. SANTOS, S. A.; MCMANUS, C.; MARIANTE, A. S.; SERENO J. R. B.; SILVA, J. A.; EGITO, A.; ABREU, U. G. P.; FILHO, J. A. C.; LARA, M. A. Estratégias de conservação *in situ* do cavalo pantaneiro. **Documentos**, Embrapa, Corumbá, n. 55, 2003.
39. SILVA, A. C. M.; PAIVA, S. R.; ALBUQUERQUE, M. S. M.; EGITO, A. A.; SANTOS, S. A.; LIMA, F. C., CASTRO, S. T.; MARIANTE, A. S.; CORREA, P. S.; McMANUS, C. M. Genetic variability in local Brazilian horse lines using microsatellite markers. **Genetics and Molecular Research**, Ribeirão Preto, v. 11, n. 2, p. 881-890, 2012.
40. SILVA, H. J. **O Brasil. Suas riquezas naturais. Suas Industrias: Industria Pastoril**. Rio de Janeiro: Centro de serviços gráficos do IBGE, 1908. 467p.
41. SILVA, M. C. **Estudo morfométrico de ovinos da raça Crioula Lanada no Sul do Brasil: um subsídio para a conservação *in situ***. 2011. 71f. Dissertação (Programa de Pós Graduação em Ciência Animal) – Escola de Veterinária e Zootecnia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.
42. SOLANO, G. A.; SILVA, M. C.; ROCHA, F. E. C.; SILVA, D. C.; LOPES, F. B.; FIORAVANTI, M. C. S.; SERENO, J. R. B. Análise do discurso de criadores de cavalo Campeiro no Sul do Brasil: instrumento de diagnóstico para conservação e fortalecimento da raça. **Actas Iberoamericanas de Conservación Animal**, Córdoba, 2013. No prelo.
43. SUPRINYAK, C. E. **Comércio de animais de carga no Brasil imperial: uma análise quantitativa das tropas negociadas nas províncias do Paraná e São Paulo**. 2006. 113f. Dissertação (Programa de Pós Graduação em Economia) – Departamento de Economia, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.

44. TORRES, A. P.; JARDIM, W. R. **Criação do cavalo e de outros equinos**. 2. ed, São Paulo: Nobel, 1979. 654p.

## APÊNDICE

### QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

1 - Que tipo de cavalo vocês criam aqui na comunidade?

2 - Vocês sempre criaram este tipo de cavalo ou antigamente eles eram diferentes? Era outro cavalo antigamente?

3 - Esse cavalo ainda existe?

4 - Como vocês chamam ou chamavam ele?

5 - Aonde podemos encontra-los? É fácil achar alguns deles por ai? (Se ainda existe)

6 - Antigamente existia mais desses cavalos?

7 - O que aconteceu com eles? (Se não tem mais ou diminuiu a quantidade de cavalos)

8 - Esses cavalos são iguais esses de raça ou é outro cavalo?

9 - E quando você olha para esse cavalo como ele é/era?

10 - Qual a utilidade desses animais para vocês?

11 - São bons para o trabalho?

12 - Existe um tipo de cavalo que é melhor que outro aqui na comunidade?